

fundamentos

ANO V * N.º 29 * 1952



PLANO HIDRO ELÉTRICO PARA O

VALE DO PARAIBA

CATULLO BRANCO

ENTREVISTA COM CHARLIE CHAPLIN

“O RISO E AS LAGRIMAS CONTRA O ÓDIO”

MUSICA E
DODECAFONISMO
Guerra Peixe

Preço Cr\$ 5,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO



fundamentos

ANO V - N.º 29 - AGOSTO 1952

CONSELHO DE REDAÇÃO

Afonso Schmidt
Alvaro de Faria
Aparicio Torelly
Artur Neves
Astrojildo Pereira
Bráulio Pedroso
Caio Prado Júnior
Clovis Graciano
Edson Carneiro
Eduardo Sucupira Filho
Eunice Catunda
Fernando Henrique Cardoso
Fernando Pedreira
Fernando Segismundo
Gilberto de Andrada e Silva
Graciliano Ramos
Gonçalves Machado
Ibiapaba Martins
José Eduardo Fernandes
José Menezes Campos
João Belline Burza
Luiz Enjolras Ventura
Léo Ribeiro de Moraes
Mário Schemberg
Moacyr Werneck de Castro
Omar Catunda
Rivadavia Mendonça
Rossine Camargo Guarnieri
Rui Barbosa Cardoso
Samuel Barnsley Pessoa
Vilanova Artigas
Walter Sampaio

DIRETOR PROPRIETARIO

Rui Barbosa Cardoso

REDATOR CHEFE

Afonso Schmidt

GERENTE

Carlos Rodrigues

★

FUNDAMENTOS não se responsabiliza
pelos conceitos emitidos em trabalhos
assinados. Não devolve originais.

★

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —
Rua Barão de Itapetininga, 275 — 9º
andar — Sala 96 — São Paulo — Brasil

ÍNDICE

Música e dodecafonismo	
Guerra Peixe	3
A batalha pelo petróleo	
Jorge Rizzini	4
Gabriel Gonzales Videla	
Nicollas Guillén	7
A pedagogia Soviética e a Escola Nova	
Maria Guerra	8
Anibal Ponce, um homem do presente	
Eduardo Sucupira Filho	10
O posto de comando de Muller, em Mon-Idée	
Aragon	12
Plano hidroelétrico para o Vale do Paraíba	
Catullo Branco	14
O direito soviético, um direito novo	
Rio Branco Paranhos	19
Coréia	
Walter Sampaio	22
“O riso e as lágrimas contra o ódio”	
Entrevista de Robert Shaw	23
Jorge Amado em São Paulo	26
Notas e Notícias	28
Mensagem de Pablo Neruda	32

LEIA
ASSINE
DIVULGUE

fundamentos

MUSICA E DODECAFONISMO

GUERRA PEIXE

Três motivos me levaram a abandonar a música dodecafônica:

- 1) A impossibilidade de fazer realçar em minhas obras a nacionalidade a que muito prezo pertencer;
- 2) A incomunicabilidade de sua curiosa linguagem, e
- 3) O reconhecimento da covardia de que eu era presa, fugindo aos problemas da criação de uma música necessariamente brasileira.

No primeiro caso — quando o compositor pertence a um país onde a tradição erudita não está firmada — o artista produz uma obra de valor social secundaríssimo, caindo infalivelmente na vulgar imitação da música centro-européia. Se essa desvantagem já era marcante na composição de música não dodecafônica — através de uma pedagogia tradicionalmente convencional, echendo-nos os miolos com tanto preconceito estético, ao tomar os padrões europeus como infalíveis e imprescindíveis — na música dodecafônica chegamos a uma verdadeira tirania imposta pelos limites a que nos conduz a discutida técnica dos doze sons, aparentemente rica de possibilidades. Aliás, o professor H. J. Koellreutter — o introdutor do dodecafismo no Brasil — é o primeiro a reconhecer que Schoenberg — a figura máxima do dodecafismo mundial — é “o continuador intransigente de um caminho que ele próprio denomina a **tradição musical germano-austríaca por excelência**” (Intercâmbio, Julho e Set. de 1951, página 30).

Ocorre que dia a dia mais se dilata o conceito de nacionalidade, segundo os modernos métodos sociológicos. O sentido de nacionalidade vem sendo ampliado não em termos de superioridade de cultura, raça ou o que seja, mas em termos de diferenças culturais que, colocadas em maior relêvo, possam servir às apreciações na fabulosa diversidade de manifestações espirituais e materiais que a humanidade apresenta. Assim, hoje em dia não mais se pode compreender o homem a não ser em relação com o seu grupo antropológico.

Portanto, tenho para mim que o caminho mais acertado para um compositor contemporâneo brasileiro é o trilhar a senda do nacionalismo baseado diretamente nas fontes populares. Pois, os elementos populares é que fornecerão uma série de valores estéticos imprescindíveis na criação da **escola brasileira**. O caso das músicas inglesa e espanhola está-nos servindo de exemplo. Estes países possuíam a sua tradição eru-

ditada, a qual, interrompida fez com que os atuais compositores se voltassem para as fontes populares.

Em segundo lugar cheguei à velhíssima conclusão de que, afinal, o músico há de escrever para alguém ouvir. O dodecafismo se ajusta a essa gracinha de minoria existencialista, que tem por fundamental prazer o sentir-se isolada do mundo, divertindo com os seus exóticos e irresponsáveis requintes intelectuais. E o hermético sistema musical é uma característica do período decadente dessa classe que estertora nos seus mais trágicos momentos (com a divina graça de Deus).

Ora, a verdade é que as artes pouco a pouco vão se socializando, chegando o povo, em alguns países, a participar da obra através de críticas e sugestões. A medida que a música — atendendo a essa tendência universal — mais necessita do povo para sobreviver sadiamente, como há de ser dirigida à minoria apodrecida e refugiada na torre de marfim? A história das artes nos aponta os exemplos em que as novas orientações vão sempre de mãos dadas com as classes que passam à posição dominante na sociedade. Logo, música prá agonizante é toado de **velório**...

E já que temos consciência deste fenômeno, por que havemos de participar dessa corrupção existencialista ao invés de tomarmos uma atitude que nos permita defender aquela justa e humana condição de comunicabilidade? A música dodecafônica contraria todos aqueles princípios intuitivos de que tem se servido a humanidade na criação de suas expressões artísticas, populares e eruditas: ritmo, memorização dos sons e funcionalidade. Ora, na dodecafonia não há unidade rítmica, permitindo o auditor apreciar no tempo um fator importantíssimo na compreensão da obra; na música dodecafônica os sons são dispostos em ordem contrária àquela concebível universalmente dentro de certos princípios determinados pela biologia. Ou melhor, a dodecafonia se move horizontal e verticalmente em formas que não possibilitam a memorização dos sons. E funcionalmente o dodecafismo é inexistente. Tem servido a discussões nos grupos de pessoas que defendem o exotismo da arte pela arte. Mas não passa disso. Temos que observar que uma obra dodecafônica só entra num programa de concerto como coisa esquisita, como assunto de exibição ou divertimento, numa concessão que se faz a esta espécie de música. O mais é conversa fiada.

E, finalmente, a música de hoje — a dos compositores mais conscientes

de suas responsabilidades perante os seus povos e o mundo — está sendo trabalhada sobre os materiais populares nacionais, como a russa, a inglesa, a húngara, a espanhola, a tcheca e até a dos nossos queridos amigos ianques”...

Ainda mais um vez é o professor Koellreutter quem nos lembra um fato muito importante: “Villa Lobos foi o único músico “revolucionário” entre os compositores (brasileiros) que participou de um movimento renovador no plano internacional” (“A Propósito da Primeira Bienal”, Intercâmbio, Julho e Set. de 1952, pág. 187). Aqui está uma irrecusável verdade.

Mas, a participação de Villa Lobos nesse movimento é devida a que? Às imitações iniciais dos compositores românticos do Velho Continente? Não! Ao seu nacionalismo exuberante e desbravador da matéria popular, esqueceu-se de acrescentar o “ilustre” mestre germânico. Qualquer livrinho de história da música, mesmo europeu, sempre que cita o compositor pátrio o faz pelo sentido nacionalizador da sua obra, surgida com o movimento nacionalista da guerra de 1914.

Entretanto, há um **porém** em toda essa questão. Não me parece que o importante seja o compositor se tornar **revolucionário** — aplicando a este termo o sentido de **avancado** ou extravagante, o que não seria difícil a um músico mais ou menos dotado de talento — e nem o simplesmente pretender a glória de participar de um “movimento no plano internacional” — segundo o critério de julgamento pelos padrões europeus, julgamento que inúmeras vezes nos tem demonstrado os erros cometidos e que a história se encarregou de corrigir. O ser **revolucionário** deve surgir da reação contra o esotérico **fi-ri-fi-fi** do formalismo da arte pela arte — no caso, música dodecafônica — e o tal de **plano internacional** uma consequência desse movimento.

Por enquanto o que deve ser primordial nas nossas preocupações é a realização de um trabalho que nos possibilite transmitir aos futuros compositores elementos de tradição erudita, tanto quanto possível oriunda, sem nenhuma mistificação, da música popular. Então, os futuros compositores brasileiros, senhores dessa necessária tradição, poderão produzir as suas obras sem nenhuma preocupação nacionalizante — porque já serão suficientemente nacionais.

Recife, 2 de junho de 1952.

A BATALHA DO PETRÓLEO

JORGE RIZZINI

A batalha pelo petróleo é um dos capítulos de uma "História de Monteiro Lobato" em que Jorge Rizzini, jovem escritor que se dedica à literatura infantil, procura levar às crianças e à gente crescida do Brasil, a lição de patriotismo e de combatividade que foi a vida do criador de "Urupês". O trecho que reproduzimos dá bem a medida da simplicidade e da propriedade com que Rizzini soube mostrar a evolução do pensamento daquele que foi, e é ainda, dentre os nossos escritores, o maior amigo das crianças brasileiras.

— Antes devo confessar, prosseguiu Monteiro Lobato, contando a história da sua vida, que nunca pensei que falar em petróleo, em nossa terra, era o mesmo que mexer em abelheira. E-era! Ao regressar dos Estados Unidos, uma das primeiras coisas que fiz foi gritar, pelos jornais, que o petróleo "é o segredo da riqueza dos grandes países; é a alma da indústria moderna. Tê-lo, é ter o Sesamo, abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo". E lembrei o exemplo dos Estados Unidos, o maior país do mundo porque possui petróleo. E disse, ainda, pelos jornais, que o Brasil, extraíndo o petróleo que tem escondido em baixo da terra, viria a ser O MAIOR dos maiores países do mundo. Que tratássemos, portanto, de tirar o petróleo o mais depressa possível. Assim, porém, que os jornais publicaram estas minhas palavras...

— Todo o mundo bateu palmas e disse que você tinha razão, interrompeu Angélica, sorrindo!

— Que nada! Vários políticos, que naquela época formavam o nosso governo (ninguém sabia, mas eram traidores da pátria!) leram os jornais, arregalaram os olhos e se puseram a tremer, fulos de raiva...

— Traidores da pátria?! repetiu Carlito, pondo-se em pé. Que cachorros! Trair o Brasil...

— Pois bem. Os traidores da pátria leram os jornais e trataram de desmentir-me, dizendo que o Brasil nunca teve petróleo, que eu era um mentiroso e que seria "bobagem" gastar tempo e dinheiro à procura de uma coisa que no Brasil "não" existe.

— Que malandros! gritou Julita. E o povo acreditou nesses araras de bico doce?

— Grande parte do povo brasileiro acreditou, sim, porque os traidores da pátria ocupavam importantíssimos postos no governo e até mesmo no exército! Se alguns eram generais, outros eram ministros...

— Um general traír a pátria... Parece incrível, Lobato!

— No começo, Carlito, eu também não acreditei que um general ou um ministro fosse capaz de coisa tão baixa, tão ordinária. Mas depois vi que era verdade. Descobri que eles eram pagos por uma companhia estrangeira a fim de que jamais permitissem que o Brasil tirasse o petróleo debaixo da terra.

— Espere! disse Toninho. Que companhia estrangeira pagava esses homens para traírem o Brasil?

— Uma companhia tão famosa, respondeu Lobato, que vocês devem conhecê-la de nome: a STANDARD OIL.

— A Standard? repetiram as crianças, admiradas. Conhecemos, sim!

— Quer dizer, atalhou Angélica, que a espertalhona da Standard estava de olho no petróleo nosso?

— Estava, MAS NAQUELA ÉPOCA a Standard não precisava do petróleo brasileiro, pois possuía em outros países grandes reservas, isto é: possuía milhares de poços petrolíferos, que lhe davam uma fortuna incalculável! Mas para evitar concorrência, para evitar que o Brasil deixasse de comprar o petróleo dela, a Standard fez um contrato secreto com os traidores da pátria: milhares de contos para que o nosso governo não falasse em petróleo... E assim foi durante anos. De modo que eu, ao falar que o Brasil seria o maior país do mundo, caso tirasse o petróleo que dormia em baixo do solo, a Standard levou um susto e correu a falar com os traidores da pátria. É preciso desmentir o Monteiro Lobato! Digam ao povo brasileiro que ele é um louco; que o Brasil "não tem petróleo nenhum"! Tomem esse dinheiro e cumpram as ordens. E os traidores, sem vergonhas que eram, guardaram o dinheiro e cumpriram as ordens, direitinho...

— E você, Lobato, o que fez? exclamou Carlito, revoltado. Não deu um sóco na cara dos traidores?

— Não dei porque um sóco apenas não resolve coisa nenhuma. Mas reagi de uma maneira mais inteligente. Procurei os jornais e tornei a dizer que o Brasil tinha petróleo, sim. Que a ciência provava! E disse, também, que era um crime o governo brasileiro gastar quâsi um milhão de contos com a Standard, comprando gasolina, quando nós possuíamos o petróleo debaixo da terra. Era questão, apenas, de furarmos o solo e extrairmos o petróleo, e do petróleo extrairmos a gasolina! Essas minhas palavras, felizmente, alertaram o povo brasileiro, que passou a duvidar do que os traidores diziam. E eu, que estava mesmo resolvido a fazer da nossa terra um país independente, rico e feliz, custasse o que custasse, chamei vários amigos patriotas e juntos tratamos de tirar o petróleo, embora o governo e a Standard fossem nossos inimigos!

— Que ótimo! E depois?

— Depois de formada a minha companhia de petróleo, que faria do Brasil o mais rico país do mundo, em vários Estados outras companhias se foram formando, pouco a pouco. A Standard, que não esperava por essa, lançando ódio pelos olhos chamou os traidores da pátria e disse: Como é? Não estão vendo que o Monteiro Lobato fundou uma companhia? Não estão vendo que ele é capaz de provar que o Brasil tem petróleo? É preciso fazer qualquer coisa! A Standard NÃO QUER que o Brasil tenha petróleo. Vocês não estão sendo pagos para isso? Então, tratem de sabotar as companhias de petróleo, especialmente a do Monteiro Lobato. Tomem esse dinheiro e não percam tempo, seus idiotas!

E os idiotas, que eram os traidores do Brasil, ficaram com medo da Standard e foram procurar o presidente da República, dizendo: Senhor presidente! Nós, os "amigos do Brasil", tivemos uma idéia formidável

que muito “ajudará” a companhia de petróleo do Monteiro Lobato e as outras que acabam de ser fundadas na Bahia, Alagoas, etc. Sim, porque sem essa idéia, todas companhias fracassarão; e, se fracassarem, isto é, se elas não conseguirem dar petróleo ao Brasil, o senhor não calcula como ficaremos “tristes”. Ajudai-nos, pois, senhor presidente, a “ajudar” essas companhias... Ajudai-nos a fazer do Brasil um “grande” país!

E o presidente, que estava saboreando um cacho de uvas, sem perceber que aqueles homens eram os terríveis traidores da pátria, respondeu: Oh! ajudarei, sim. Mas que uvas gostosas... São do Rio Grande do Sul! Gauchas... Sim, ajudarei o Brasil a ter petróleo. Mas como? Ai como adoro chupar uvas gauchas...

Ao ouvir estas palavras, os traidores da pátria esfregaram as mãos, deram um risinho e responderam ao mesmo tempo que rodeavam o presidente: O senhor ajudará de uma maneira muito simples. Basta criar uma coisa chamada Conselho Nacional do Petróleo, cujos diretores SEREMOS NÓS, os “amigos” do Brasil. E aí, sim, o senhor verá como a companhia do Monteiro Lobato e as outras “darão” petróleo ao Brasil, em grande quantidade. Darão, senhor presidente, porque nós e o Conselho as “ajudaremos” em tudo quanto for preciso... Ah, se “darão”!

Julita deu um sôco no ar e gritou:

— Ai! como eu gostaria de torcer o gasganete desses traidores!...

— E o presidente? exclamou Carlito. Comeu a bola dos malandros?

— Se comeu! Comeu depois de chupar as uvas gauchas... Comeu e criou o tal Conselho Nacional do Petróleo, cujo fim era não permitir que o Brasil se tornasse o mais poderoso país do mundo — e a luta dos traidores, contra as companhias brasileiras, começou. Luta horrenda, que jamais esquecerei. Durou 10 anos! Eu, a abrir poços à procura do petróleo, que salvaria o Brasil; e os traidores, em nome do Conselho, a fechar os poços, com cimento.

— Com cimento?!

— Com cimento, sim. Eles tinham medo que o petróleo, com raiva da sabotagem, saísse sózinho... Ah, que luta horrível. Durou 10 anos! Mas como as companhias brasileiras resistissem heroicamente, os traidores tiveram então uma idéia.

— Qual foi?

— Obrigar as companhias a não trabalharem! Para isso, puseram soldados armados às portas das companhias...

— Que horror!...

— Mas eu, que jamais entregaria os pontos, revoltado por não poder fazer da minha terra um país rico e feliz, peguei lápis e papel e escrevi uma carta de dezoito páginas ao presidente da República, dizendo que se o Brasil não explorasse o petróleo que tem debaixo da terra, jamais deixaria de ser um país pobre, analfabeto e triste. Que êle, o presidente, abrisse os olhos e visse o que o tal Conselho Nacional do Petróleo andava fazendo... Que tivesse cuidado com a Standard Oil, a grande inimiga do Brasil. E disse, também, que êle, sendo um bom presidente e amado pelo nosso povo, “tinha pois uma responsabilidade tremenda nos destinos do Brasil, maior que a de qualquer presidente. E que podia, com a sua ação pessoal, fazer uma coisa imensa: destruir a Fôrça Secreta que não queria que tivéssemos petróleo nosso”, isto é: destruir os agentes da Standard, os traidores da pátria!

— E o que o presidente respondeu? Disse que você tinha razão e que iria abrir os olhos? perguntou Angélica, torcendo para que assim fosse.

— Que nada, retrucou Monteiro Lobato, sacudindo a cabeça. O presidente, que continuava a chupar uvas do Rio Grande, não acreditou nas minhas palavras. Leu a carta e mostrou-a aos traidores da pátria. E, influenciado por estes, respondeu-a da seguinte maneira: Mandem prender êsse homem! O Monteiro Lobato é inimigo do Brasil...

— Mas não é possível... disse Carlito, desanimado. Não é possível que o presidente não visse que os inimigos do Brasil eram os traidores, e não você. Parece piada que o presidente, sem saber, fizesse um papelão tão triste...

— É o cúmulo dos cúmulos berrou Julita, com raiva.

— Pois é, prosseguiu Lobato. E eu, por querer fazer o bem ao Brasil, e ao meu povo, acabei prêso. Foi no ano de 1941. E lá, na cadeia...

Monteiro Lobato quis prosseguir, mas não foi possível: Angélica não parava de soluçar.

— Isso é uma infâmia... Prender você, que era inocente... Prender um homem que queria apenas fazer o bem ao Brasil... Oh,oh,oh...



E Angélica pôs-se a soluçar, mais forte ainda. Lobato levantou-se, abraçou a menina, enxugou-lhe as lágrimas, e disse:

— Não chore, Angélica. Aliás foi ótimo que o presidente me prendesse. Foi ótimo, sim, porque o povo brasileiro ficou sabendo que espécie de governo era aquele! Mas lá, na prisão, milhares de pessoas, diariamente, vinham cumprimentar-me, dizendo que o presidente fôra injusto e que eu era um herói. Quer dizer: o povo já sabia que o Brasil tinha petróleo e que de nada adiantava o governo me prender. Realmente, assim era. Apesar de eu ficar prêso durante alguns meses, apesar do Conselho Nacional do Petróleo, apesar da Standard Oil, apesar de todos os traidores da pátria, eis que um dia o petróleo brasileiro jorrou! Foi na Bahia. O sub-sólo baiano começou a roncar como trovoadas e de uma hora para outra o petróleo saiu das profundezas da terra e subiu a não sei quantos metros de altura!... Foi um sucesso!

— Que maravilha! gritaram Carlito e Toninho, ao mesmo tempo.

— E a cara dos traidores? quis saber Julita, piscando para Lobato.

— Os traidores ficaram desapontadíssimos, com caras de asno! E o mais engraçado, prosseguiu Monteiro Lobato, foi que o 1.º poço brasileiro a dar petróleo, estava situado num lugar chamado LOBATO, no Estado da Bahia. O lugar tinha o meu nome, imaginem...

— Então é coisa de Deus, gritou Julita. Isso é "coisa feita" pelos anjinhos...

— Acho que sim, respondeu o famoso escritor, rindo. E foi assim, tal como contei, a minha luta contra todos os inimigos do Brasil, que eram muitos. Depois de 10 anos, depois de tremendas batalhas, enfim pude ver jorrar o petróleo brasileiro, o grande sonho da minha vida!

Carlito não se conteve: levantou-se, apertou fortemente a mão de Monteiro Lobato, e só depois foi que disse emocionado:

— Você é um grande herói! Todos os brasileiros sentem-se orgulhosos disso, Lobato. Mas, engraçado, é que eu sempre pensei que você fosse "apenas" o maior escritor infantil do mundo. Juro que não sabia que você também era o criador da indústria do livro no Brasil; e que Rui Barbosa o admirava profundamente, ao ponto de dizer, em público, que você era "o tal"! Também não sabia, que você foi quem ensinou o governo a fazer ferro, com o Processo Smith. E juro que não sabia, também, de toda a sua luta para provar que o Brasil tinha petróleo... Quanta coisa eu não sabia!...

— Para você ver, Carlito, disse Julita, rindo, até que ponto chega a sua admirável ignorância...

— Ignorância, não! respondeu o menino, prontamente. Se eu não sabia, é porque nunca ninguém me disse. Mas agora, sei na ponta da língua a vida de Monteiro Lobato. Sinto-me capaz de falar três horas sobre ela, e sem respirar!...

Monteiro Lobato sorriu-se; depois pediu silêncio e disse, muito sério, olhando as crianças:

— Minha vida sempre foi uma constante luta em prol deste nosso grande Brasil, em prol do nosso povo, que por ser bom, muito tem sido sacrificado. Mas, felizmente, de todas as minhas lutas saí vencedor. Não

perdi uma só batalha! E assim, é com grande alegria que hoje vejo as crianças brasileiras com bons livros na mão: no meu tempo de criança não existia livro infantil legível... É, também, com imensa alegria que hoje vejo os jovens escritores do Brasil publicarem seus livros: há trinta anos atrás, só os ricos e os políticos e os acadêmicos podiam publicar. E quanta maçaroca os acadêmicos publicavam!... Mas, a minha maior felicidade será quando Alagoas, Amazonas, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Sergipe, Pernambuco, e outros mais Estados, virem o petróleo sair do fundo das suas terras! Ah, que felicidade sentirei... Quando isso acontecer, meus filhos, então o Brasil será o que sempre sonhei: o maior país do mundo!

— Mas quando, exclamou Carlito, o petróleo brasileiro sairá de todos êsses Estados?

— Breve, muito breve, respondeu Lobato. Aliás, na Bahia, já se usa a gasolina nacional. O petróleo, lá, já está sendo tirado em boas quantidades. É o progresso maravilhoso que vem vindo! O progresso que fará do Brasil um país respeitadíssimo, criançaada!

Julita, que era desconfiadíssima, perguntou se não havia possibilidade da Standard e de alguns traidores da pátria sabotarem o petróleo brasileiro.

— Não há, não, Julita. Não há possibilidades porque o povo brasileiro está alerta, mais do que nunca! Qualquer manobra desses traidores, que são ratos, o povo zás! cairá em cima, como um leão! E os ratos serão comidos...

— Quer dizer, exclamou Toninho, que dentro em breve o Brasil será um dos mais importantes países do mundo?

— Está caminhando para isso. Como vocês já sabem, não há progresso sem o petróleo. E o Brasil tem petróleo para abastecer o mundo inteiro!

— Maravilha!

— Maravilha, sim; mas é preciso perfurar a terra e arrancá-lo das profundezas. Mas isso é uma coisa que já vem sendo feita; e por nós, os brasileiros. Quando o petróleo jorrar, não apenas na Bahia, mas em todos os Estados, então o mundo verá o que é o Brasil. Verá e abrirá a bôca e arregalará os olhos, admiradíssimo... E eu, então, morrerei feliz vendo o meu país feliz, vendo o meu povo alegre. Não mais o Jéca Tatú descalço, ignorante e cheio de vermes. Mas um jequinha calçado, sadio e espertíssimo, a discutir filosofia e economia, como gente grande! Aí, sim, morrerei feliz, criançaada...

— Viva o Lobato! gritou Carlito, trepando numa cadeira.

— E viva o Brasil, também! gritou Angélica.

— Pois que vivam o Brasil e o Monteiro Lobato! berrou Toninho, desta vez sem fazer cara de ponto de interrogação.

— E viva o petróleo que é dos brasileiros e não dos ladrões! gritou Julita, abraçando o famoso escritor.

E todos gritaram, numa só voz: viva! viva! VIVA!

— Com tantos vivas, disse Monteiro Lobato, rindo, o que dona Santinha e a Branca hão de pensar de nós?

Mas dona Santinha e Branca, da cozinha responderam:

— Viva! Viva! VIVA!

— Ué, disse Lobato, olhando as crianças. O petróleo virou a cabeça até da Branca... Escutem os vivas que ela dá...

E a boa preta, ao lado de dona Santinha, sem saber porque não parava de gritar...

Gabriel Gonzalez Videla

Cómo se llama el infiel
que por el pueblo elevado
a ese pueblo ha traicionado
cuando más confiaba en él?

— Gabriel

Sus instintos infernales
tras blanca sonrisa esconde
A que apellido responde
este animal de animales?

— Gonzalez

Persigue, mata, encarcela
sangre de obreros derrama:
Cómo es que también se llama
quien así a Chile desvela?

— Videla

Mas ya el pueblo se rebela;
tras la noche, vendrá el sol:
pronto tendrá su farol
Gabriel Gonzalez Videla!

São Paulo, diciembre, 2 de 1947.

Nicollas Guillén

★

Durante a sua passagem por São Paulo, em 1947, Guillén tornou-se um dos grandes amigos de FUNDAMENTOS. Naquela ocasião, confiou-nos o original do pequeno poema que hoje estampamos como testemunho da nossa imensa admiração pelo grande poeta que vem de completar 50 anos em julho. passado.

fundamentos

Gabriel Gonzalez Videla.

¿Cómo se llama el infiel
que por el pueblo elevado
a ese pueblo ha traicionado
cuando más confiaba en él?

— Gabriel

Sus instintos infernales
tras blanca sonrisa esconde.
¿A qué apellido responde
este animal de animales?

— Gonzalez.

Persigue, mata, encarcela,
sangre de obreros derrama:
¿Cómo es que también se llama
quien así a Chile desvela?

— Videla

Mas ya el pueblo se rebela;
tras la noche, vendrá el sol:
pronto tendrá su farol

Gabriel Gonzalez Videla!

Nicollas Guillén

São Paulo, dic 2 de 1947

A PEDAGOGIA SOVIÉTICA E A ESCOLA NOVA

MARIA GUERRA

Toda educação é realizada, consciente ou inconscientemente, para determinados fins. Mais ainda, ela é função das exigências da sociedade.

Em nossos dias isto parece ser uma verdade evidente e insofismável, porém, os educadores burgueses continuam querendo fazer crer que eles simplesmente educam, sem ligar a sua educação aos objetivos de uma determinada sociedade, de uma determinada classe.

Todo educador marxista está perfeitamente consciente do contrário. Sabe que a educação visa fins diferentes na sociedade capitalista e na socialista. Poucas vezes porém este fato teve expressão tão clara como nas obras e na atividade do grande educador soviético Makarenko.

Os métodos educacionais, decorrendo das finalidades a atingir, são diferentes em diferentes sistemas sociais.

São muito conhecidas dos interessados pelos problemas pedagógicos as diferenças existentes entre os princípios das escolas tradicionais e os da chamada "Escola Nova" ou "escola Ativa".

Nas primeiras vigora o "princípio da autoridade" na sua forma mais brutal: — a palmatória, os castigos corporais em geral e o "magister dixit", a palavra do mestre sendo lei.

A "Escola Nova" se apresenta como uma reação contra as suas predecessoras, anulando o ridículo "princípio da autoridade" destas mas, opondo-lhes um outro princípio também ridículo e que os economistas conhecem sob o nome de "laissez faire".

A "Escola Nova", que tem seus mais conhecidos representantes em Dewey e Claparède, é uma legítima aplicação do liberalismo à educação. Como toda aplicação de doutrinas liberais à prática, ela não é uma aplicação verdadeira. O liberalismo, chocando-se com a realidade, perde toda a sua bela roupagem verbal para ser simplesmente uma nova forma de exploração.

As teses fundamentais da escola são: democracia e liberdade, isto é, igualdade entre educandos e educadores e a negação do "princípio da autoridade"; a afirmação do "autodesenvolvimento" da criança em contato com a natureza e a negação portanto do aspecto fundamentalmente social e político da educação. Toda a sua sabedoria se resume nos velhos preceitos de Rousseau, que no seu "Emílio" recomendava a adoração da infância e pedia aos educadores que não intervissem muito no processo educacional para não atrapalhar a ação da natureza.

Esta posição no terreno educacional tem para muita gente um sabor "revolucionário". Alguns educadores soviéticos tiveram a mesma impressão e julgaram suficiente acrescentar aos postulados da "Escola Nova" uma fraseologia "socialista" para obter a pedagogia soviética. Daí as tentativas absurdas de certos grupos de educadores, daí as suas invectivas contra educadores realmente novos como Makarenko.

A educação socialista, designada na época pelo termo "sotsvos" consistiu para muitos em sorrir angelicamente diante de quaisquer proesas da criança — Deus nos livre de usarmos da autoridade, isto seria antidemocrático. De modo algum eles usariam introduzir a disciplina pois, diziam eles, a disciplina é contrária à liberdade individual.

Aí reconhecemos facilmente uma tese surrada da burguesia reacionária, quando afirma que na URSS não há liberdade. Porém, as idéias de disciplina e liberdade só se opõem nas teses altissonantes da burguesia liberal ou anarquista. Na realidade, elas constituem um todo único, a liberdade sendo consciência da necessidade e a disciplina fruto da necessidade coletiva.

Os sorrisos angélicos, o "amor à criança" e outras sugestões arqui-modernas e arqui-socialistas dos educadores, que nos anos de 20 a 30 faziam na URSS seus experimentos pedagógicos, não levaram a nada. Os resultados concretos foram colhidos por uma pedagogia realmente nova e socialista, que não criou ídolos sob a forma de "liberdade" e "democracia" mas passou a praticar a democracia socialista. Um vanguardista desta pedagogia soviética é evidentemente Makarenko.

Vamos dar-lhe a palavra para que ele nos diga quais foram as novidades acrescentadas aos atributos da "Escola Nova" pelos representantes do "sotsvos":

"No Olimpo pedagógico a criança é considerada como um ser que serve de recipiente a um gaz todo especial, cujo nome ainda não foi inventado. Aliás, ele corresponde exatamente à velha alma, sobre a qual se exercitaram já os apóstolos. Supõe-se (hipótese de trabalho) que este gaz tem a propriedade de autodesenvolver-se, devendo o educador apenas não lhe atrapalhar a vida.

O principal dogma desta fé originária em Rousseau, consiste em afirmar que, como resultado desta adoração e amabilidade frente ao gaz acima referido, nascerá uma personalidade comunista. Na realidade porém,

nas condições apresentadas pela natureza pura, nasce apenas o que pode nascer — barbas de bode e plantas daninhas. Isto não causa preocupação a ninguém pois aos habitantes celestes são caros os princípios e as idéias, A minha afirmação de que estas barbas de bode não correspondem exatamente à personalidade comunista planejada, era recebida como um exagero do praticismo estreito. (Makarenko — "Poema Pedagógico", pág. 554.

A pedagogia soviética, originária em Makarenko constitui, sem dúvida, uma oposição à escola tradicional, produto da sociedade feudal, mas se opõe também, e com não menor veemência, às escolas "novas" de todos os matizes, representantes típicas da sociedade burguesa.

A pedagogia soviética baseia-se num conceito marxista e não liberal-burguês de democracia:

"Democracia não é sinônimo de subordinação da minoria à maioria. Democracia é o Estado que reconhece a subordinação da minoria à maioria, isto é, uma organização destinada a violências sistemáticas de uma classe contra outra, de uma parte da população contra outra.

Nós nos propomos, como meta final, a destruição do Estado, isto é, de toda violência sistemática e organizada, de toda violência contra os homens em geral. E, aspirando ao socialismo, estamos persuadidos de que ele se converterá gradualmente em comunismo e então desaparecerá toda a necessidade de violência sobre os homens em geral, toda necessidade de submissão de uns aos outros, de uma parte da população à outra, pois os homens se habituarão a observar as regras elementares da convivência social sem violências e sem submissão. (Lenin — "O Estado e a Revolução").

Este trecho de Lenin ilustra o conceito de democracia e de organização que preside a pedagogia soviética, a educação comunista baseando-se na luta contra os numerosos inimigos constituídos pela herança do passado.

As relações entre os educadores e educandos se baseiam sempre no conceito de democracia adotado. No caso da "Escola Nova", a pretensa liberdade ilimitada do indivíduo. Na pedagogia soviética, a compreensão de que este indivíduo só pode ser livre dentro dos limites em que esta sua liberdade não interfere com o bem estar da coletividade, sendo portanto por ela determinada.

O que para os educadores da "Escola Nova" são problemas educacionais, presos a sentimentalismos de fachada, para o educador comunista são casos concretos de defesa da coletividade e de formação do indivíduo, exatamente em função das necessidades desta coletividade.

O desenvolvimento das teorias educacionais e a sua aplicação prática

acompanham o desenvolvimento da sociedade.

É natural que no período imediatamente posterior à Revolução de Outubro, postos chave dos órgãos educacionais fossem ocupados pela intelectualidade de formação liberal que, intencionalmente ou não, mantinha na prática e desenvolvia em teoria as desastrosas formas da educação burguesa, adaptando-as ao socialismo de maneira caricata.

A grandiosa experiência de Makarenko foi um marco decisivo na mudança dos rumos educacionais, possibilitando a criação de uma pedagogia soviética em constante desenvolvimento.

Vamos examinar apenas um aspecto do contato entre a evolução dos problemas educacionais e a evolução da sociedade soviética.

Nas escolas burguesas existem dois sistemas dominantes: ou se dá prêmios aos alunos e estes estudam para ganhar o prêmio ou cai-se no extremo contrário — não se dá prêmio nem estímulo algum, desejando-se manifestar com isto a fé no tal "auto-aperfeiçoamento" em nome de um "ideal".

Makarenko se colocou, como era de esperar, contra as duas maneiras de agir. Considerava ele que ao educando deve ser dado um ideal, que é o ideal da coletividade em que este vive e que, por outro lado, ele deve ser estimulado na realização das suas tarefas. Educando crianças do mundo socialista é preciso que lhes ensinemos a valorizar o trabalho e as façamos compreender os princípios da economia socialista, inclusive a questão da remuneração do trabalho. Baseado neste ponto de vista, Makarenko introduziu na sua colônia para menores delinquentes a remuneração do trabalho realizado, contrariando todos os dogmas da "educação pura".

Os anos se passaram e, com o aparecimento do movimento stakhanovista, a remuneração do "comunardos" de Makarenko passou a obedecer aos princípios da emulação socialista, originando novas invectivas dos educadores que lhes eram contrários.

Nas escolas soviéticas à emulação socialista, na sua forma de movimento stakhanovista, corresponde o desejo de cada aluno individualmente realizar o máximo do que o Estado Soviético dele espera em matéria de estudo.

Nos anos do após guerra surgiu na URSS um importante movimento, encabeçado, entre outros, pelo famoso operário Nicolai Rossiiski, que constitui um novo momento de progresso dentro da linha stakhanovista. A emulação não é mais individual — o stakhanovista individual se torna responsável pela coletividade, pela evolução do grupo a que pertence, comprometendo-se a elevar o nível geral de produção, já não apenas, sua, mas de todo o grupo.

Tal modificação acarretou interessantes e profundas alterações nos processos de trabalho preconizados pela emulação socialista individual. Po-

rém, isto não nos cabe examinar aqui.

Interessa-nos o seguinte: no plano educacional apareceu um movimento que acompanha a nova organização do trabalho na sociedade soviética.

Nas escolas soviéticas os alunos se unem por classes no movimento que tem por lema: "luta contra as notas abaixo de quatro (a nota máxima nas escolas soviéticas é 5). Os melhores alunos, que corresponderiam aos stakhanovistas individuais, auxiliam os

mais atrasados, levantando o nível geral de produção do grupo.

Tal luta contra o atraso nos estudos tem forma de emulação coletiva, classe por classe, e é hoje o problema central das organizações de pioneiros, komsomols e educadores das escolas soviéticas.

Diante de um tal movimento, reflexo evidente da organização do trabalho pelos operários, devem tremer de indignação os teóricos "puros" da educação burguesa

NOTA BIOGRAFICA

Anton Semionovitch Makarenko nasceu no dia 13 de Março de 1888, na cidade de Bielopol, região de Kharkov.

A vida deste educador admirável, criador de um método educacional inteiramente novo e de numerosas obras literárias escritas com um talento cheio de frescura e senso de humor, teve um começo modesto.

Seu pai era ferroviário e Makarenko, tendo concluído com sacrifícios um curso para professores primários, começou a lecionar numa escola da estrada em que seu pai trabalhava.

Desde o início da sua atividade pedagógica, revelou grande espírito de iniciativa, transformando a escola em que lecionava num centro revolucionário. Posteriormente foi obrigado a deixar sua cidade natal.

Em 1914 ingressou no Instituto Pedagógico de Poltava, tendo ao fim do curso recebido a mais alta distinção — a medalha de ouro.

Após a Revolução de Outubro dedicou-se à criação de novos métodos educacionais, organizando e dirigindo a partir de 1920 a Colônia Gorki para menores delinquentes. Em seu artigo "Pela União dos Soviets", Gorki — o patrono da colônia — dedica estas palavras a Makarenko: "... pertence ao novo tipo de educadores, que se consomem nas chamas de um real amor às crianças e que, antes de mais nada, têm uma consciência real da sua responsabilidade frente a estas crianças."

Sua atividade na colônia Gorki e posteriormente na Comuna Dzerjinsky, sua luta contra a pedagogia reacionária nas suas diversas formas, desde a tradicional até as "escolas novas", seu combate aos reacionários em pedagogia, que o acusavam inclusive de partidário das "ideias burguesas" de honra e dever, é algo de inédito no terreno da educação.

Ele foi um grande inovador. Seu nome no campo da educação pode ser emparelhado com o de Pavlov na fisiologia e os de Mitchurin e Lyssenko na genética.

Os resultados por ele obtidos sempre foram o seu maior argumento. Como estes outros admiráveis cientistas ele provava suas ideias com fatos.

Diziam seus inimigos: Não é possível conseguir com delinquentes reais o que ele consegue, portanto toda a sua pedagogia não passa de um golpe de propaganda, de uma mistificação. Nós não conseguimos nada disto — diziam como argumento máximo.



MAKARENKO

Makarenko retrucava malicioso: deixai de considerar estas crianças como delinquentes e obtereis os resultados que obtive fazendo exatamente isto, pois não há crianças delinquentes, há condições sociais que as levam ao crime. Modificai-as e o criminoso desaparecerá.

Há uma certa semelhança entre isto e a discussão em torno das ideias de Lyssenko. A ciência burguesa também aí usa do argumento: nós não conseguimos obter os resultados que ele obtém, portanto os seus são uma mistificação. Lyssenko retruca: deixem de considerar o gen como entidade imutável, criem as condições necessárias para a sua modificação e a imutabilidade desaparecerá.

Não se pode dar em poucas palavras o roteiro das atividades de Makarenko, é preciso conhecê-las em detalhe para avaliar a sua grandeza e profundidade.

Em 1935 Makarenko deixa a já modelur Comuna Dzerjinsky, indo para Kiev e mais tarde para Moscou afim de se dedicar à atividade literária e completar as obras teóricas de educação que já iniciara.

Não podemos separar na sua pessoa o educador do escritor — ambos admiráveis. Homens como ele marcam época e podemos certamente falar em educação antes e depois de Makarenko.

Seus trabalhos teóricos tratam não apenas da educação dos delinquentes como também de problemas pedagógicos os mais gerais.

Pelos seus altos méritos recebeu em 1939 a condecoração da Bandeira Vermelha do trabalho.

Faleceu no dia 1 de Abril de 1939.

Anibal Ponce, um homem do presente

EDUARDO SUCUPIRA FILHO

O 18 de maio viu passar o décimo-quinto aniversário da morte de Anibal Ponce, uma das mais eminentes figuras de filósofo e de escritor da América Latina. Homem de esquerda, havia cometido um delito que o pensamento obscurantista jamais perdoa: divulgara em sua cátedra do **Colégio Libre de Estudios Superiores**, de Buenos Aires, conceitos científicos, filosóficos, políticos e sociais incompatíveis com os desejos da política dominante. Morreu, exilado no México, vítima de um desastre, quando se dirigia para o interior do país, a fim de pronunciar uma conferência em homenagem a Marx e sobre o "Manifesto Comunista".

Nesse estudo magistral, assim como em sua obra máxima — "De Erasmo a Romain Rolland" — resplandece o poderoso instrumento de análise e síntese que é a concepção materialista dialética. Em cada frase há a transparente limpidez e força próprias da idéia integrada na realidade.

As suas conferências empolgavam o auditório pelo tom ardente de sinceridade de que iam impregnadas as palavras. Suaves e penetrantes, eram látego e persuasão. Dominado pela fé em um mundo melhor, que muitos mal entreviam na bruma negra que avançava pelo mundo naqueles anos de 35, com o fascismo preparando a segunda guerra mundial, Anibal Ponce erguia o luminoso trabalho de esperança no homem do futuro condensado em "De Erasmo a Romain Rolland", e encerrava o curso do Colégio com estas palavras:

"...quando se examina o confuso espetáculo de hoje com os olhos claros que aprenderam a descobrir nas lutas de classe o motor da história, tudo adquire repentinamente uma significação que ilumina."

Impõe-se então como uma verdade a certeza de que vivemos sobre uma linha que separa duas idades: uma, a pré-história de que falava Engels; outra, a história que para a Rússia já se iniciou. Comovedor instante da vida em que sabemos enfim para onde caminhamos."

Enfrentou decididamente toda forma de coação à inteligência. Já em 1930, punha em guarda os intelectuais, mostrando o seu destino dentro de uma sociedade de classes:

"Frente a um pensador que surge, a sociedade segue dois caminhos: ou o atrai para domesticá-lo ou o persegue para liquidá-lo."

A PSICANÁLISE, "OPERETA DA PSICOLOGIA"

Discípulo de Ingenieros, que tanta influência exerceu na geração argentina do após 17, com a publicação de uma série de trabalhos sobre a Revolução de Outubro, Anibal Ponce pronto iria descortinar os amplos horizontes do mundo do futuro, aplicando aos fenômenos sociológicos a dialética marxista.

Mestre de psicologia, seus cursos revelavam a evolução brilhante de seu pensamento na crítica aos conceitos da psicologia clássica. Não se deixou influenciar nem mesmo pela psicanálise, que ridicularizou chamando de "opereta da psicologia", num momento em que as teorias de Freud eram a panacéia indiscutível para a solução dos problemas humanos, e em que meio mundo andava de cabeça perdida nos abismos do subliminal (inclusive o autor destas linhas):

"*Studien über Hysterie*, não obstante referir-se a um tema de psiquiatria custava a convencer-me que merecesse chamar-se obra de ciência.

.....
Psicologia, higiene, terapêutica, pedagogia, chave de sonhos, sociologia, charadas, ciência dos mitos e das religiões, baralhadas umas com outras por força do **humour** desse excepcional escritor, haveriam de dar como resultado o mais extraordinário monumento da literatura cômica."

"Sempre acreditei — afirmava em 1932 — que o conceito de **repressão** — tão sistematicamente aplicado pela psicanálise — não é outra coisa senão um reflexo elementar."

Em outro estudo, repele o conceito de **psíquico** como soma de elementos isolados. A sua compreensão do **tudo** leva-o a partir da **pessoa** como sistema de referência:

"...não perder nunca de vista que todos os fenômenos psíquicos e todas as formas de conduta implicam sempre a totalidade do homem. Para a psicologia como para a fisiologia não existem, não podem existir senão **reações de conjunto**."

A aguda visão de psicólogo e as observações críticas em torno do diário de uma adolescente (Maria Bashkirtseff), tema que abordou em suas aulas do Colégio, em setembro de 1933, constituem um manual de estudos e observações riquíssimas sobre

a psicologia do indivíduo. Os sentimentos e as confissões dessa jovem serviram a Ponce para analisar e explicar as inquietações e os tormentos da juventude neste momento crucial da história do mundo:

"Quando já ninguém viva no parasitismo ou no ócio — conclui Anibal em sua derradeira aula; quando uma organização social mais justa que a nossa imponha a todos desde cedo a responsabilidade do trabalho social; quando a necessidade e o hábito dos empreendimentos planejados e realizados em comum excluam definitivamente o individualismo egoísta com seu cortejo de ambições mesquinhas, parecerá quase impossível aos adolescentes do futuro que em algum momento da história e em determinada classe social pudesse ter sido a adolescência uma idade sem outro conteúdo que os desejos sem sentido, as trivialidades e os caprichos."

MESTRE DA JUVENTUDE

Mestre da juventude, Anibal Ponce foi um estudioso apaixonado dos problemas de psicologia infantil e educacionais. Sabia a importância da escola funcional na orientação da criança, e reuniu num livro — "Problemas de Psicologia Infantil" — observações e experiências interessantes sobre as diversas etapas da evolução da criança, desde os "movimentos impulsivos" de Preyer até o fenômeno da reflexão. Sobre a reflexão, Ponce encerra o capítulo, com estas considerações:

"...a reflexão não visa outra coisa senão resolver as contradições e solucionar os conflitos. Onde antes havia uma anarquia interior capaz de permitir à criança afirmar a respeito de uma mesma coisa crenças que se excluem, a reflexão leva-a pouco a pouco à necessidade de uma hierarquia. Mediante a mão, a criança havia conseguido, desde muito cedo, uma lógica da ação; mediante a discussão, a criança irá alcançar em breve a lógica do pensamento."

Num grande livro que é um dos mais sérios ensaios sociais — "Educação e Luta de Classes" — Anibal Ponce examina o problema através do devenir histórico, abordando aspectos da educação na comunidade primitiva, do homem feudal, do homem burguês e do homem da era socialista. Esse livro, éle o termina de forma cáustica e irônica, quando nos relata o seguinte acontecimento, muito significativo para admitir comentários:



Anibal Ponce

"O **Anti-Sedition Bill** aprovado em junho de 1922 pelo governador do Estado de Nova Iorque obrigava os professores de qualquer categoria a obter um certificado do Comissário de Educação em que se declarava leal e obediente ao governo daquele Estado e dos Estados Unidos, para o qual é preciso que o professor não tenha preconizado por qualquer forma nenhuma mudança no governo da nação. Ao estudar a educação em Roma, Eumenes elogiava o zelo com o qual o Imperador escolhia os professores como se tratasse de nomear o chefe de um esquadrão de cavalaria ou de uma coorte pretoriana. Mais franco do que todos seus predecessores, o tirano argentino João Manoel Rosas deixou bem claras as relações efetivas do Estado com a escola. Quando em 1842 a oposição contra a tirania recommençou, o Restaurador acreditou ver nas escassas escolas que havia autorizado focos suspeitos de agitação e rebeldia. Com um gesto digno d'ele, nomeou o chefe de Polícia diretor do ensino primário... O chefe de Polícia, diretor do ensino primário. Vale a pena que o fato nos fique, sempre na lembrança."

ANTEVISÃO DOS DIAS ATUAIS

Em 1935, já nos dava Anibal Ponce uma antevisão dos dias atuais:

"...sociedade em que a inteligência emudece e a cultura é humilhada, em que se opõem entraves às ciências que não sirvam exclusivamente para a guerra; em que se negam e se escarnecem daqueles mesmos **direitos do homem** que há pouco mais de um século a burguesia prometera a todos."

E recordando o quarto centenário da morte de Erasmo, ocorrido no mesmo ano, aduz estas palavras de profundo sentido nos dias em que a luta pela paz é a primeira condição de sobrevivência:

"Em circunstâncias bem trágicas será recordado o homem que fez dos livros o culto da vida; que odiava a guerra como o pior dos crimes; que defendeu até o fim da vida, com tenacidade incrível, essa "fraternização dos grandes espíritos", talvez o único ideal em que acreditou com fé."

ADMIRADOR DA GENÉTICA MITCHURIMIANA

Ponce foi sem dúvida o primeiro pensador sul-americano que percebeu o alcance dos experimentos da nova genética materialista, empreendida por Lyssienko, continuador de Mitchurin, objeto há pouco tempo de sérias polémicas por parte de geneticistas mal-informados ou declaradamente reacionários:

"Que valor podem conservar as velhas noções de biologia, etnografia e geografia física em face desses homens que são ca-

pazes de cultivar nas zonas quase polares da Sibéria as mesmas espécies vegetais que só criamos possíveis nas tibias regiões do meio-dia?"

Um dos mais notáveis trabalhos de Anibal Ponce é a conferência que pronunciou em 1931, em Buenos Aires, na Escola "Antônio A. Zinny" sobre a Psicologia da Mão. Certamente inspirado no monumental trabalho de Engels que compõe os estudos da "Dialética da Natureza", Anibal Ponce construiu uma síntese sobre a história do desenvolvimento da mão, desde os tempos mais remotos. Reproduzimos este trecho, que é modelar no seu conteúdo e na forma:

"A supremacia da mão abriu para o homem primitivo um mundo de possibilidades até então ignoradas. Que estranho seria que abandonando a vida dos bosques — na qual permaneceram até hoje os monos, seus irmãos — tivesse a audácia de por-se a caminhar pela planície deserta, disposto a lutar com a Natureza, e decidido, sobretudo, a vencê-la? Aquêl homem de forças exíguas estabelecia, sem o saber, os cimentos do maior império que até então havia existido sobre a terra. A vida em sociedades cada vez mais complexas haveria de dar-lhe, em breve, o último instrumento propriamente humano: a linguagem. Mas se a linguagem lutava ainda por desprender-se do grito, a mão estava ali para assegurar ao primeiro homem os rudimentos da ciência e da indústria... Técnica e ciência despertavam sobre os cinco dedos de sua mão: fechada, foi seu martelo; aberta, foi seu compasso."

VISITA AO HOMEM DO FUTURO

Voltado para o homem do futuro, com os olhos postos nos resultados alcançados pelo primeiro país de trabalhadores no mundo, Anibal Ponce descreve a seus alunos o nascimento do homem do novo mundo, pela primeira vez na história participando como dominador autêntico da natureza e da economia da sociedade. Reproduz as palavras do novelista Avdeenko, impregnadas de um regozijo triunfante, no relato de sua existência rediviva, perante o VII Congresso dos soviéticos:

"São e forte, sonho em construir como escritor uma obra inolvidável. Feliz, amo a mulher com um amor que é novo. Contente de viver, domina-me uma coragem inquebrantável, e só a alegria de que terei que despertar amanhã, compensa-me da pena de dormir todos os dias."

O otimismo, a confiança no futuro, a ardente fé nas forças criadoras do homem, o amor pela paz — tais são as nobres qualidades desse espírito superior, que foi Anibal Ponce, cujos princípios serviram de lema aos

POSTO DE COMANDO DE MULLER, EM MON IDÉE

ARAGON

"Les Communistes", o romance cíclico de Aragon é, sem favor, o romance do nosso tempo. Os seis volumes já publicados, e que constituem a primeira série, referem-se à França dos anos de 1939 e 1940, à França da "drôle de guerre" e da perseguição anti-comunista, até a invasão alemã. Através de uma intriga maravilhosamente bem engendrada, envolvendo dezenas de personagens de todas as classes e de todos os meios sociais, o romancista nos mostra como a nação, ameaçada pelo inimigo e traída pelos seus dirigentes, aos poucos ganhou consciência e reuniu-se em torno do operariado e dos verdadeiros patriotas, para a Resistência indomável.

O trecho que traduzimos pertence ao quinto volume, correspondente ao mês de maio de 1940, no mais forte da invasão germânica. Assistimos ao interrogatório de um oficial que se tornara suspeito porque sua mulher, que permanecera em Paris, havia sido presa quando ajudava os comunistas perseguidos.

O posto de comando de Muller, em Mon-Idée, está a doze quilômetros de Rumigny, a nordeste de Rumigny. Não se suspeita, ali, da existência da coluna de blindados que corta a região mais ao sul. Na tarde deste dia a torrente de refugiados superlota a grande estrada de Hirsion. Inútil dizer-lhes que deixem livre a via Nacional, que se desembrulhem como puderem. Comboios de feridos, evacuados não se sabe de onde, estacionam. Refluem homens desarmados a procura das suas unidades.

O Comandante Muller olha tudo isso mergulhado numa espécie de febre. Esta guerra ultrapassa tudo o que ele tinha previsto. Eis o que nos preparavam os judeus e os franco-mações! Vá-se manter em condições um exército onde há, por toda parte, comunistas! Apenas na unidade que Muller comanda... Ainda no seu batalhão ele havia sabido desembaraçar-se. Fizera prender os que pudera, uma palavra, ou as fichas... Mas, vejam, só nestas duas companhias que lhe foram entregues agora: este Barbentane, em Signy-le-Petit... e depois o outro de Auvilliers-les-Forges, o Gaillard que o enviado do Exército está interrogando

Há mais de três horas que o tenente Gaillard está sobre brasas. Um capitão, assistido por um sargento, chegou de Vervins, com ordens de interrogá-lo. A pedido da Sureté Nationale. Coisa séria. Muito grave.

Nesta casa de fazenda, um pouco retirada da estrada, ouve-se fora o ruído de uma multidão, marcando passo, aterrorizada, pois já não pode avançar. Os aviões estiveram um pouco adiante e metralharam em cheio. Ficaram mortos ao pé das árvores, feridos se arrastaram para o campo... os sobreviventes mergulharam ainda mais longe nesta massa em que famílias dispersas se procuram: é um omentoamento de charettes, de todos os tipos, carros de mão, de pedestres, de automóveis imobilizados. Ao longe, bombas ainda. E este ronco acima das cabeças, será também para nós? os aviões que rodam, a ameaça constante...

"Mas, se estou cansado de dizer que não sou comunista!"

O capitão, muito mundano, volta-se para o sargento: "Escreva, sargento, que o tenente está cansado de nos dizer..."

Os habitantes da fazenda partiram ontem à noitinha. Retiraram tudo o que podiam; mas, depois da sua partida, outra gente passou por aqui e os armários estão escancarados, as gavetas abertas... as marcas da pilhagem mal apagadas para instalar o capitão-inquisidor, o interrogatório prossegue neste simples cenário. Um Cristo na parede com um ramo amarelecido aos pés é tudo o que lembra um tribunal. Robert Gaillard está sentado numa cadeira capenga, o que lhe dá um certo sentimento de inferioridade. O capitão fala de uma certa distância, detrás da mesa da sala de jantar, onde instalou os seus papéis; o sargento a seu lado toma notas.

"Vejamos, tenente Gaillard... o sr. não me dirá que ignora que sua mulher trabalhava para um partido ilegalmente reconstituído... ilegalmente reconstituído! Veja bem. O sr. se obstina puerilmente a negar que pertence a este partido dissolvido... é brincar com as palavras... mas, enfim, preste atenção ao lugar em que estamos: estas infelizes populações sobre as estradas... a invasão às portas da França... o solo nacional em certos pontos... em certos pontos, veja bem! Será que o momento não chegou ainda em que o sr., retomando consciência diante de um espetáculo semelhante, se decida a reparar na medida dos recursos... dos seus poucos recursos, veja bem! o mal que fizeram os seus camaradas à Pátria..."

Robert Gaillard cerra os punhos. Está vermelho, um pouco suado. Seu colarinho o sufoca e ele o alarga com o dedo. As veias da sua ampla testa parecem entumescer-se até quase estourar.

"Mas se eu lhe digo que não pertencço ao Partido Comunista... que não estou inscrito no Partido Comunista!..."

— Evidentemente, diz o capitão, evidentemente!"

Explosões de bombas sacodem a casa e o sargento levanta da sua papelada um nariz bastante inquieto. "Notou bem, sargento, diz o capitão, que o tenente Gaillard se obstina, é o termo, se obstina..."

De que modo a notícia pôde se propagar de Mon-Idée a Signy-le-Petit de onde fogem as últimas viaturas de civis, o cortejo amedrontado das mulheres, das crianças... Vidal veio encontrar o tenente Barbentane. Não se sabe, é preciso dizer, quem está ameaçado. A vinda de um inquisidor do Exército a Mon-Idée fez pensar aos companheiros que se tratasse dele... Os camaradas decidiram defender Armando Barbentane. Eles o conhecem, liam os seus artigos no "Humanité". Então pensaram que o mais seguro era mobilizar os outros, os não-comunistas, dizer-lhes a verdade: de modo geral, eles sabem quem é o tenente; houve muitas vezes conversas, entre os simples soldados há poucos elementos hostis... pode-se dizer que não há mesmo nem um. Se "eles" querem levá-lo, com tudo o que se diz!... Os soldados que atravessaram a região nos contaram... Ainda agora vimos os trabalhadores do regimento que estava acampado aqui antes de nós: fizeram-nos subir até a Bélgica e eles correm desde Philippeville; partiram de novo, conduzindo gentilmente o seu coronel. Dizem que lá em cima não está muito bonito: os Panzers nos ultrapassaram seguramente pelo oeste. Vidal fala gritando um pouco por causa do barulho dos aviões. E depois, na saída da aldeia, na direção de

seus alunos e aos intelectuais de seu país: "o culto da dignidade como norma diretriz da conduta."

A fé nas forças do futuro está condensada em uma de suas aulas finais, quando referia a alegria de Rucellai, um mercador de Florença, diante das glórias do Renascimento. São palavras luminosas que cobram renovado significado nesta hora de ingente luta pela paz:

"mais felizes do que o mercador de Florença, somos contemporâneos do Renascimento verdadeiro. Como não vamos poder, ante o espetáculo prodigioso de milhões de seres libertados, e de outros milhões resolvidos a libertar-se, sair ao encontro da História para proclamar com a voz mais poderosa, que estamos vivendo com

absoluta lucidez este momento, o mais dramático da vida do homem, e que tão seguros nos sentimos do futuro inevitável — qualquer que seja a sorte pessoal que o destino nos reserve — que já podemos desfaldar ao vento a infinita alegria de viver agora?"

S. Paulo, 17-5-52.

Bellevue, a estrada de Hirson, o estrondo das bombas, a fuga desesperada dos civis... Eles bombardeiam a pobre gente que procura escapar de casa, os cães!

Diante das últimas construções, lá longe, onde é um pouco mais baixo, as carriolas, o combôio dos camponeses amedrontados, se afasta. Ninguém se lembrou de recolher esta velha mulher que vivia só e que caiu com o ventre despedaçado. As crianças esconderam os olhos passando perto dela. Os homens apressaram os seus cavalos. A velha, no meio do pó, sob o céu azul, o sol forte; ela foi jovem, teve um homem que morreu na outra guerra, os pequenos que pôs no mundo, partiram, faz muito tempo, para as cidades. Agora, um retardatário que havia esquecido em casa o livro de contas, chega apressado atrás do combôio desaparecido, e se encontra sozinho diante do cadáver. As moscas já o descobriram. Oh! é a velha Chauffard! Não se pode deixá-la aí. Ele a arrasta do melhor modo. Há uma pequena casa abandonada, a porta não está fechada. A velha dormirá melhor no interior. Bom Deus! é preciso alcançar os outros. Ele olha as mãos sujas, repugnantes, e limpa-as na terra e nas ervas do chão.

A nuvem de moscas, atrás da porta, acompanhou o cadáver e zumbou. E' a sua missa, a sua última companhia.

Em Mon-Idée o interrogatório prossegue.

Agora Robert Gaillard deixou-se arrastar pela raiva. Ele se continha. Não queria deixar-se ir. Ele se conhece. Sabe como a coisa se desenvolve. E' como uma queda, depois de iniciada não há meio de interrompê-la.

"O sr. está vendo a explosão das bombas em torno de nós, capitão? estes infelizes metralhados sobre as estradas e que impedem as tropas de avançar se se pode chamar isto de avançar! E é neste momento que o sr. vem me fazer as suas perguntas, sondar-me os rins, querendo me por em maus lençóis: capitão, o sr. é mesmo um oficial francês?"

Ah, com licença. O capitão, durante um momento, deixava-o ir porque, dêste fluxo de palavras podia sair, de repente, a confissão que viera buscar, e depois, enfim, era um psicólogo... Mas isso eu não permitirei...

"Capitão, se o sr. compreendesse simplesmente o sentido de minha pergunta, o sr. não veria nela um insulto, mas o respeito que tenho pelo meu país, pelo seu exército! Eu não sou comunista, é um fato. Mas o sr., o sr. não combate Hitler. Será que o sr. sabe o que Hitler significa para um comunista?"

— Os comunistas são aliados de Hitler, tenente.

— Mentira! Os aliados de Hitler, para mim, são os srs. que perseguem os comunistas... que prendem uma mulher que age segundo o seu coração... porque crê que deve agir assim...

— Está anotando, sargento? E o sr., tenente, acha que sua mulher agiu bem... segundo seu coração?"

E, de repente, já não é mais o inquisidor que Gaillard responde. Ele reconheceu a pergunta de Barbentane, no outro dia. E responde a Barbentane.

"Pois bem, sim... ela agiu bem, como uma mulher valente que é, e que não se deixa amedrontar com mentiras!"

— Vamos, diz o capitão, chegamos enfim ao que é bom: o sr. se dispõe a começar... pois bem, comecemos!"

O que sente Gaillard neste momento, é inteiramente estranho: ao mesmo tempo o seu coração bate com força e ele se sente extraordinariamente calmo. Experimenta um sentimento de exaltação e de tranquilidade. Será assim que se entra no cominho das confissões? Não podia pensar no que dizia. Mas diz. Não poderia calar-se. Teria vergonha de si mesmo. E diz tudo o que sempre se recusou a dizer tanto à Yvonne quanto a Watrin ou a Barbentane. Fala uma linguagem que não sabia falar. Fala como um comunista. E' um verdadeiro discurso. Se Robert se tivesse desdobrado, não seria diferente: há um homem que fala e, dentro dele, uma testemunha que escuta, o sr. Robert Gaillard, relojoeiro-joalheiro do quarteirão de Halles. Quem fala é o tenente Gaillard, oficial francês. E' simplesmente isto que ele diz. E o capitão, muito interessado, murmura para o sargento: "Anoto bem tudo!" E' que o sargento parou, de boca aberta, e olha para Gaillard sem crer nos próprios ouvidos. E retoma as suas notas com grande confusão.

"Não se deveria, diz o tenente Gaillard, porque eu não sou comunista e o digo... concluir que desaprove os

comunistas e a ajuda que, não sei como, os snrs. dizem que Yvone, a sra. Gaillard, minha mulher, lhes deu. Desde os primeiros dias, em fins de agosto, os comunistas disseram que o Governo não faria a guerra a Hitler, que não decretava a mobilização e não encenava a comédia de uma falsa guerra, senão para acabar com a Frente Popular, decapitar o movimento operário, ter as mãos livres para suas manobras. Oito meses desta farsa bastam para esclarecer um homem como eu, por mais afastado que se esteja da ação política, por mais irritado que possa estar por uma tática que não compreende... os srs. não combateram Hitler. Os srs. combateram os comunistas, ou melhor, os operários. E este exército que, por esta razão, os srs. privaram do seu elemento mais combativo... este exército que os srs. desmoralizaram durante oito meses... a quem jamais os srs. falaram de Hitler... que não sabia o que fazia aqui e que os srs. levaram à carnificina em condições de má preparação moral e de desorganização militar... olhe pela janela, capitão! ele abandona o campo."

O sargento, sem querer, voltou os olhos para a janela, por sobre o ombro, bem de frente para o tenente Gaillard, uma vez que os inquisidores se tinham colocado contra a luz, sempre por causa da psicologia do capitão... E, pela janela, o sargento vê o espetáculo da debandada, a multidão armada ou desarmada, os militares derrubando os civis, oficiais que abrem passagem através da confusão, sem mesmo olhar atrás de si, se os soldados os seguem. O espetáculo é o mesmo há muitas horas. Entretanto, alguma coisa de extraordinário deve estar se passando neste momento. Porque tudo se precipita como se se tivesse rodado a manivela com mais vigor. Artilheiros sem canhões jogam-se em baixo das suas viaturas abandonadas. As mulheres correm. As crianças caem. As rajadas das metralhadoras dizimam a massa humana que se despedaça, corre para o campo, lança-se no chão no meio da estrada, e os feridos, os mortos... Três aviões evoluem em torno da encruzilhada, sobem e descem, sobem outra vez e descem de novo, é como se fosse um brinquedo, uma corrida ou um ballet de morte. Em vôo zanzante, os aviadores perseguem a pobre multidão desarvorada. O sargento vê uma mulher de uns cinquenta anos que, com o rosto ensanguentado, cega, caminha reto sobre a janela... os cabelos desfeitos de um lado... uma camponesa vestida de negro... e ele a aponta no meio do barulho da metralha, ele a aponta ao capitão: "Meu capitão!" Mas o que? O sargento está louco? Tomou o rosto nas mãos e soluça: "Mamãe! Mamãe!" Certamente não é a sua mãe... a idéia lhe veio assim sem razão. A mulher alcança a casa, o rosto quasi colado ao vidro da janela, e cai lentamente ao longo da parede.

O capitão levantou-se. Será que vai encaminhar-se para a porta?

Neste momento o mundo se desfaz num clamor estridente, a zoeira enche os ouvidos, as vigas e o teto desabam partidos, a terra e a calça entram nas bocas e nos olhos, a morte, a morte, não há mais pensamentos senão para a morte. O céu fulminou a justiça dos homens.

*

Eis que o presidente Paul Reynaud volta ao seu gabinete às cinco horas da tarde. Volta dêste Conselho de Guerra em que Gamelin não estava. E não se tinha tratado da questão da Holanda...

A propósito, neste momento a rainha Guilhermina e seu governo estão sobre o Mancha, a caminho de Londres, deixando atrás de si um general Winkelmann decidido a capitular no dia seguinte.

Mas não é a Holanda que preocupa Paul Reynaud. O telefonema de Huntziger a Georges era claro: Paris desguarnecido... O que? para onde então se dirigem as forças alemãs que ultrapassaram as nossas linhas de defesa? para o mar ou para Paris? O Alto Comando, isto é, Georges, estima que Paris é o objetivo deles. Paris... O Chefe do governo francês está apavorado. Redige uma mensagem telefônica para Churchill: **Entre Sedan e Paris não há outras fortificações comparáveis às da linha defensiva que devemos restabelecer de qualquer preço...** E, neste preço, estão incluídos os aviões que ele suplica aos ingleses que enviem, dez esquadrões, para separar os stukas dos carros de assalto que apoiam em sua marcha. Sem isto, Paris...

Plano hidroelétrico para o

CATULO BRANCO

Aspecto Físico do Vale — O rio Paraíba é mesmo caprichoso, pois, nascendo próximo ao limite do Estado de S. Paulo com o do Rio, desce até Guararema e aí, após uma rotação de 180°, dirige-se em sentido exatamente oposto, rumo ao Estado do Rio. Em seu curso superior, acima de Guararema, é estreito e acidentado; ao atingir Jacareí, alarga-se, desenvolvendo-se em uma longa planície de várzeas que atravessa serpenteante, descrevendo curvas caprichosas que se alteram após as grandes enchentes, como claramente se pode observar na fotografia da Fig. 3.

É grande a declividade de seu curso superior (desde as nascentes até Guararema) e, após percurso veloz em corredeiras e saltos, lança-se em uma região de várzea, de bem fraca declividade, que vai desde Jacareí até Guaratinguetá. As Figs. 1 e 2, tiradas do Relatório apresentado pelo engenheiro Caio Dias Baptista, quando chefe do Serviço de Melhoramentos do Vale do Paraíba, são particularmente expressivas. Por elas compreende-se perfeitamente que as fortes chuvas que caem nas cabeceiras do rio, na Serra do Mar, fluem rapidamente e vão promover as grandes enchentes na região das várzeas. Compreendemos também que a região de Guaratinguetá, onde a várzea se estreita, passa a ser das mais prejudicadas em ocasião de enchente.

Desenvolvimento econômico do Vale — Vendo os velhos casarões do Vale do Paraíba, lembramo-nos sempre da opulência de outrora. Em alguns deles encontramos salas forradas de estuque, o que representava, na época, um grande luxo. Mas onde estão estes casarões? Frequentemente cercados de capim «barba de bode», com vestígios de antigos carreiros de café. Conversando com os moradores da região, muitas referências me foram feitas às cenas do passado. Aos ingentes sacrifícios para a construção daqueles enormes terreiros de café, com paralelepípedos tão bem rejuntados. E, como eram exigentes os seus proprietários! Alguns, antes de saírem em viagem, mandavam à frente, 10 ou 20 moleques, quantos fossem necessários, para tomarem conta das por-

teiras, de forma a que o senhor não visse atrazada a sua carruagem de fofosas parelhas.

Ao ouvir estas narrativas lembrava-me do livro de Erskine Caldwell, autor de «Estrada do Tabaco.» O sul dos EE. UU. apresenta características idênticas. Lá, os casarões são denominados elefantes brancos, prédios de dois andares com enormes colunas nas fachadas. Com muita vida, contatos o escritor o ambiente de desajustamento social e econômico daquela região. Tanto lá como aqui, a causa da pobreza é a mesma: a terra empobreceu. Tanto lá quanto aqui, uma agricultura errada, despreocupada com o futuro, efetuada com mão de obra escrava, e que se processava através de derrubadas e queimadas, levou a região à erosão e à pobreza.

No período do segundo império, teve o Vale do Paraíba influência predominante na economia do Estado de São Paulo; em 1836, contribuía com 37% de toda produção rural do Estado. A região era então rica, suas terras eram produtivas, «o homem do Vale produzia então, em média, 60% mais que o do resto do Estado» (Caio Dias Baptista — obra citada).

Após 1920 a população da região começou a decrescer em sua totalidade, ao contrário de todas as regiões do Estado. Cerca de 100.000 habitantes abandonaram o Vale, que se despovoou e entrou em decadência. Por outro lado, a desmatagem tornou o regime do Paraíba ainda mais torrencial e as riquezas do solo das encostas, ou foram alagar o leito do rio nas várzeas, ou foram conduzidas para o mar.

Os plantadores de café emigraram para o Oeste em busca de terras virgens e ricas (Campinas — Ribeirão Preto, etc.) que iriam entrar no mesmo ciclo de desmatagem e empobrecimento. E, assim, a cultura de café, riqueza do Vale do Paraíba em outros tempos, quasi desapareceu conforme se poderá ver no gráfico da Fig. 4, também transcrita do Relatório Caio Dias Baptista.

Solução Racional — Se, de um lado, as encostas do Vale entraram em erosão, empobrecendo-se, por outro, as ricas

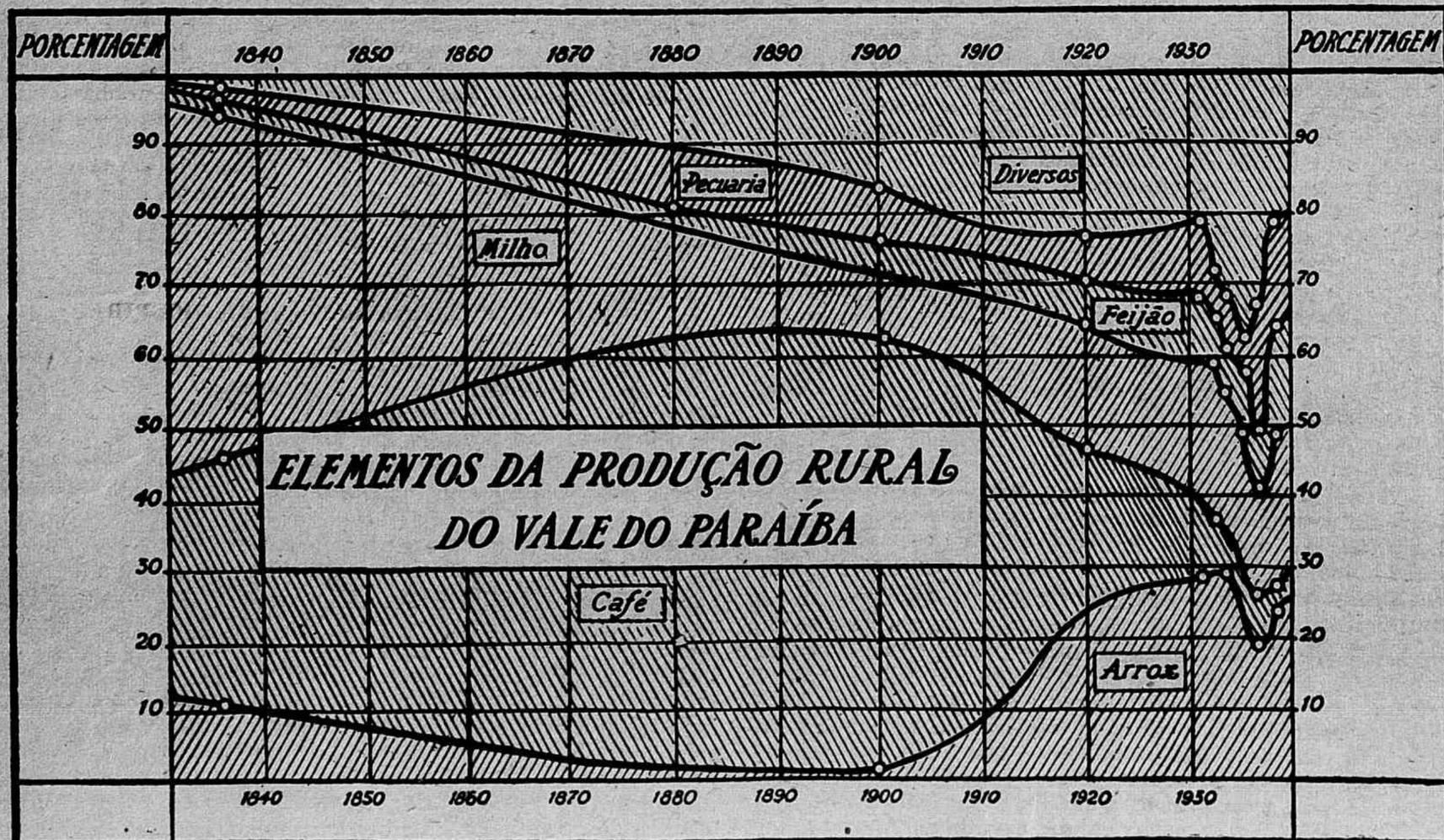


FIG. 3

Vale do Paraíba

várzeas situadas entre Jacareí e Guaratinguetá se tornaram também de difícil e problemático aproveitamento. Um plano eficiente destas várzeas exige o controle das águas que se escoam pelo leito do rio, após as grandes chuvas que caem em suas cabeceiras situadas na Serra do Mar. Mas, não se trata apenas de manter o rio dentro de suas próprias barrancas. É necessário, também, que um sistema de canais se desenvolva ao longo do rio, por cima das várzeas, de forma a fornecer, na época desejada, a quantidade de água indispensável à agricultura.

Frente ao problema de regularização da vazão do rio, uma usina se apresenta com predominância sobre as demais: a de Caraguatatuba. Foi esta usina estudada em 1938, pela Secretaria da Viação, em três anos de trabalhos de campo e de escritório. Ficou o seu projeto constando de duas barragens de 60 metros de altura, projetadas, uma, no rio Paraitinga e a outra no rio Paraibuna, localizada pouco a montante da cidade de Paraibuna. As águas destes dois grandes formadores do rio Paraíba se represarão também sobre o rio Lourenço Velho, indo atingir as proximidades do Alto da Serra, onde com facilidade serão transbordadas para a vertente de Caraguatatuba e lançadas em 640 metros de desnível. A potência que se poderá instalar na usina, localizada ao pé da Serra, é de 1.000.000 c. v.

O curto espaço deste artigo não nos permite entrar em detalhes do projeto; mas, como aqui pretendemos discutir o problema da regularização do rio, destaquei deste projeto o gráfico da Fig. 5, que resume o seu estudo hidrológico feito pelo chamado método de «Hill».

Em sua parte superior acha-se registrada a vazão do rio, pelas suas médias mensais, e para os anos de 1934 e 1935, período este o mais seco verificado em mais de 10 anos de observação e em que a vazão minimorum do rio foi de 25 m³/seg. Traçamos sobre o gráfico uma linha horizontal, correspondente a 55 m³/seg., representativa da vazão média regularizada a ser enviada para a usina. Verifica-se que, em 1934, de abril a novembro, a vazão do rio manteve-se abaixo desta média. A parte inferior do gráfico nos indica o volume d'água que será necessário acumular durante os períodos de chuva, para a manutenção da vazão de 55 m³/seg. durante os períodos de seca.

Este gráfico nos indica que serão necessários 395.000.000 m³ para a manutenção de 55 m³/seg. na usina. Realmente, com os estudos topográficos a que procedemos, chegamos à conclusão de que as barragens dos rios Paraitinga e Paraibuna nos fornecerão 400.000.000 m³ de repartimento útil para esta regularização. E assim foi a usina projetada, tomando-se por base os seguintes dados:

Vazão regularizada	55 m ³ /seg.
Diferença de nível	640 metros
Rendimento global	75%
Fator de carga	0,5
Fator de reserva	1,3

$$\text{Potência} = \frac{55.000 \times 640}{100 \times 0,5} \times 1,3 = 920.000 \text{ c. v.}$$

Será esta usina, com seu reservatório de 400.000.000 de m³, um elemento de pronunciada importância para a regularização das águas do rio Paraíba. Não obstante, outros reservatórios e outras usinas deverão ser montados ao longo do rio e em seus principais afluentes.

O rio Paraíba passa da cota 580 em Sta Branca a 530 em Guaratinguetá. Nesta região, segundo penso, deveriam ser estudadas 5 barragens ao longo do rio — duas de maior altura: Sta. Branca com 30 metros e Jacareí com 20 m.; e três de baixa altura: Caçapava com 10 m., Pinda e Guaratinguetá com 7 metros cada uma. Além destas barragens, mais duas de 50 metros de altura deverão ser construídas sobre os seus principais afluentes — o Jaguarí e o Buquirá. A localização aproximada destas barragens, bem como o

fundamentos



FIG. 4

volumé d'água acumulado, acham-se indicados na planta da Fig. 6.

Executado este plano de usinas ficaríamos dispostos de 1.500.000.000 m³ acumulados e destinados à regularização do rio. A potência instalada seria a seguinte: em Caraguatatuba 1.000.000 c. v. e mais 157.000 c. v. em 8 usinas de queda baixa. Passaríamos a dispor de um canal economicamente navegável (para embarcações de 1.000 T.), e, por outro lado, o controle do rio permitirá o aproveitamento de suas várzeas irrigadas, acabando com a «luta inútil e desigual que anualmente se renova entre a água e o agricultor» (Caio Dias Baptista — obra citada).

O Paraíba e os Planos da Light — Não poderíamos discutir um plano geral para o rio Paraíba, sem fazer considerações sobre os projetos da Light com relação a este grande manancial.

Temos discutido, já por diversas vezes, nesta Revista, as várias manobras da Light visando sempre um objetivo: o de apoderar-se do grande manancial hidroelétrico de Caraguatatuba. Em uma primeira manobra pedia a Light, em 1927, para lançar as águas do Paraíba no Tietê. Verificado o absurdo de semelhante projeto, que exigiria recalque de mais de 200 metros de altura, mudou a Cia. de tática e, em 1945, condicionava o Desvio de Barra do Pirai, no Estado do Rio, a que não fossem desviadas as águas do Alto Paraíba para fora de sua bacia hidrográfica, isto é, a que não fosse executado o Desvio de Caraguatatuba.

A fim de que se possa ajuizar, adequadamente, do atentado aos interesses de nosso povo que semelhante pretensão representa, junto um quadro de dados do Desvio de Barra do Pirai, ilustrado com o estudo hidrológico da Fig. 7.

DESVIO DO PARAIBA EM BARRA DO PIRAI

- A) Canais, túneis e bombas projetados para 160 m³/seg.
- B) Elevação total das águas 15 + 35 = 50 metros.
- C) Reservatórios de acumulação:

Santana	20.000.000 m ³
Vigário	18.000.000 m ³
Total	38.000.000 m ³

- D) Acumulação diária necessária para a vazão média 160 m³/seg. e fator de carga 0,5 ... 5.000.000 m³.
- E) A elevação de 50 metros (nas duas usinas de recalque) exige um dispêndio de energia de 100 metros
- F) Diferença de nível em Lages 308 metros
- Diferença de nível útil 308 — 100 = 208 metros
- G) Potência em regime contínuo e para 160 m³/seg.:

$$\frac{160.000 \times 208}{100} = 332.800 \text{ c. v.}$$

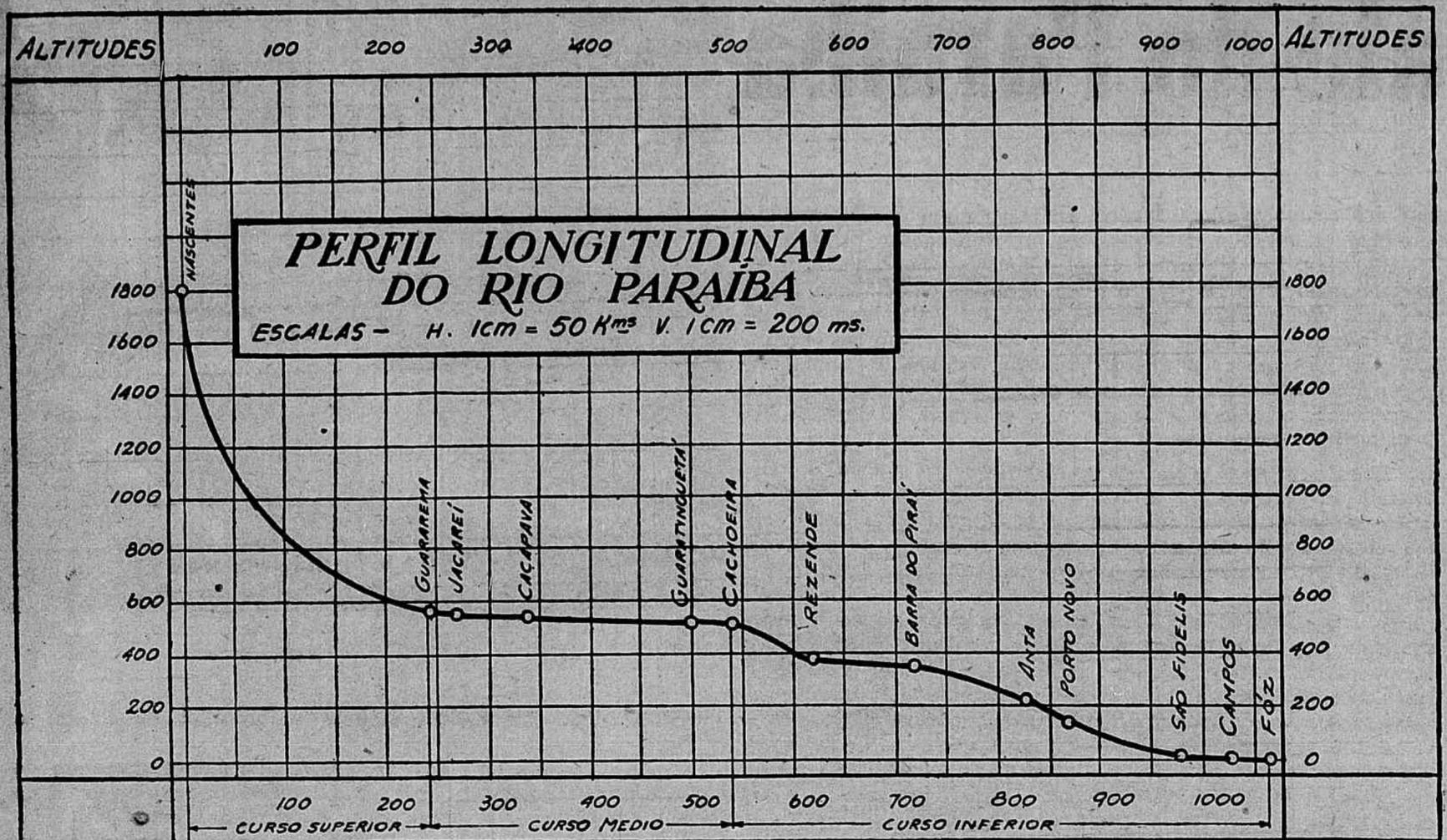


FIG. 2

H) Admitindo-se fator de carga 0,5, teremos para ponta de carga:

$$\frac{335.000}{0,5} = 670.000 \text{ c. v.} = 492.000 \text{ kw.}$$

Usina da Ilha dos Pombos

- A) Desnível 32 metros — Potência instalada 220.000 c. v. = 162.000 kw.
- B) Vazão reservada para o leito do rio Paraíba ... 60 m³/seg.
- C) Potência correspondente $\frac{60.000 \times 32}{100} = 19.000 \text{ c. v.}$
- D) Caso se disponha de acumulação diária, poderá ser atendida uma ponta de carga de ... 38.000 c. v. = 28.000 kw.

Usina de Lages

- A) Potência instalada ... 190.000 kw. — Proporcionada ao manancial hidráulico, caso já esteja em funcionamento o túnel de ligação Lages-Toco.

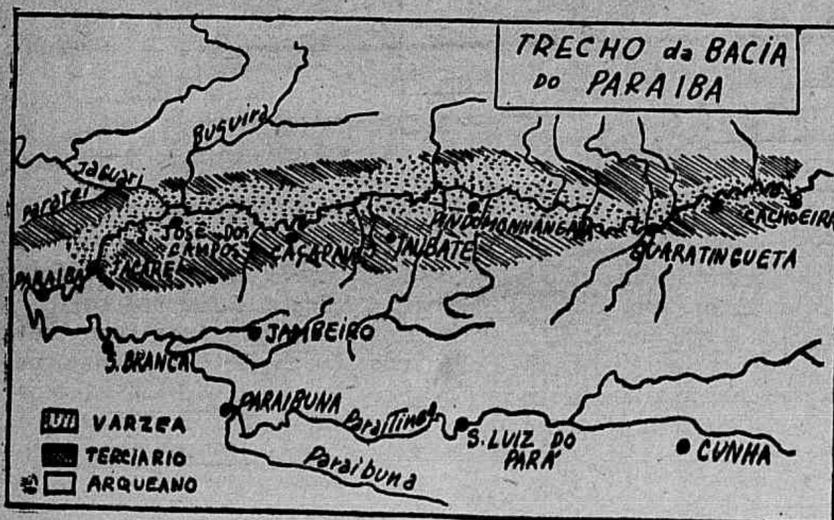


FIG. 1

Potência Total Disponível no Sistema

1) Desvio de 160 m ³ /seg. do Paraíba (Forçacava)	492.000 kw.
2) Usina da Ilha dos Pombos	28.000 kw.
3) Usina de Lages	190.000 kw.
TOTAL	710.000 kw.

Conclusões Hidrológicas

- A) Para se poder desviar 160 m³/seg. e ainda reservar 60 para o leito do rio, necessário se torna uma acumulação de 1.300.000.000 m² logo à montante do desvio, ou maiores acumulações nas cabeceiras.
- B) O represamento Paraitinga-Paraibuna (400.000.000) poderá aumentar a contribuição nas sêcas com apenas mais 30 m³/seg.

CONCLUSÃO

Pequena será a contribuição do Paraitinga-Paraibuna na alimentação dos 220 m³/seg., em Barra do Pirai. Não se justifica, assim, querer criar embaraços ao desvio rumo Caraguatatuba (1.000.000 c. v.) sob a alegação de que as águas serão indispensáveis ao desvio em Barra do Pirai (670.000 c. v.).

Estes estudos nos mostram que a Light precisa de uma vazão regularizada de 220 m³/seg. em Barra do Pirai; 60 m³ para serem lançados rio abaixo e 160 para serem desviados para Lages. Mas a vazão do rio Paraíba, neste local, cai, nas sêcas, a 110 m³/seg. Torna-se, assim, indispensável um represamento regularizador no próprio leito do rio Paraíba. O nosso estudo demonstra que o volume deste represamento deveria ser de 1.300.000.000 m³ quando em Barra do Pirai, ou maior ainda se executado a montante deste local, onde menor será a vazão do rio.

Alega a Cia. que precisa da contribuição do Paraitinga-Paraibuna, mas, já vimos anteriormente que a vazão do Paraitinga-Paraibuna cai, nas sêcas, a 25 m³/seg. e sua contribuição regularizada é de 55 m³/seg. Não se justifica assim o seu represamento como contribuição a Barra do Pirai, pois que tal orientação levaria a pesadas obras para um aumento de apenas 30 m³/seg. (sendo que a Cia. precisa de 220 m³

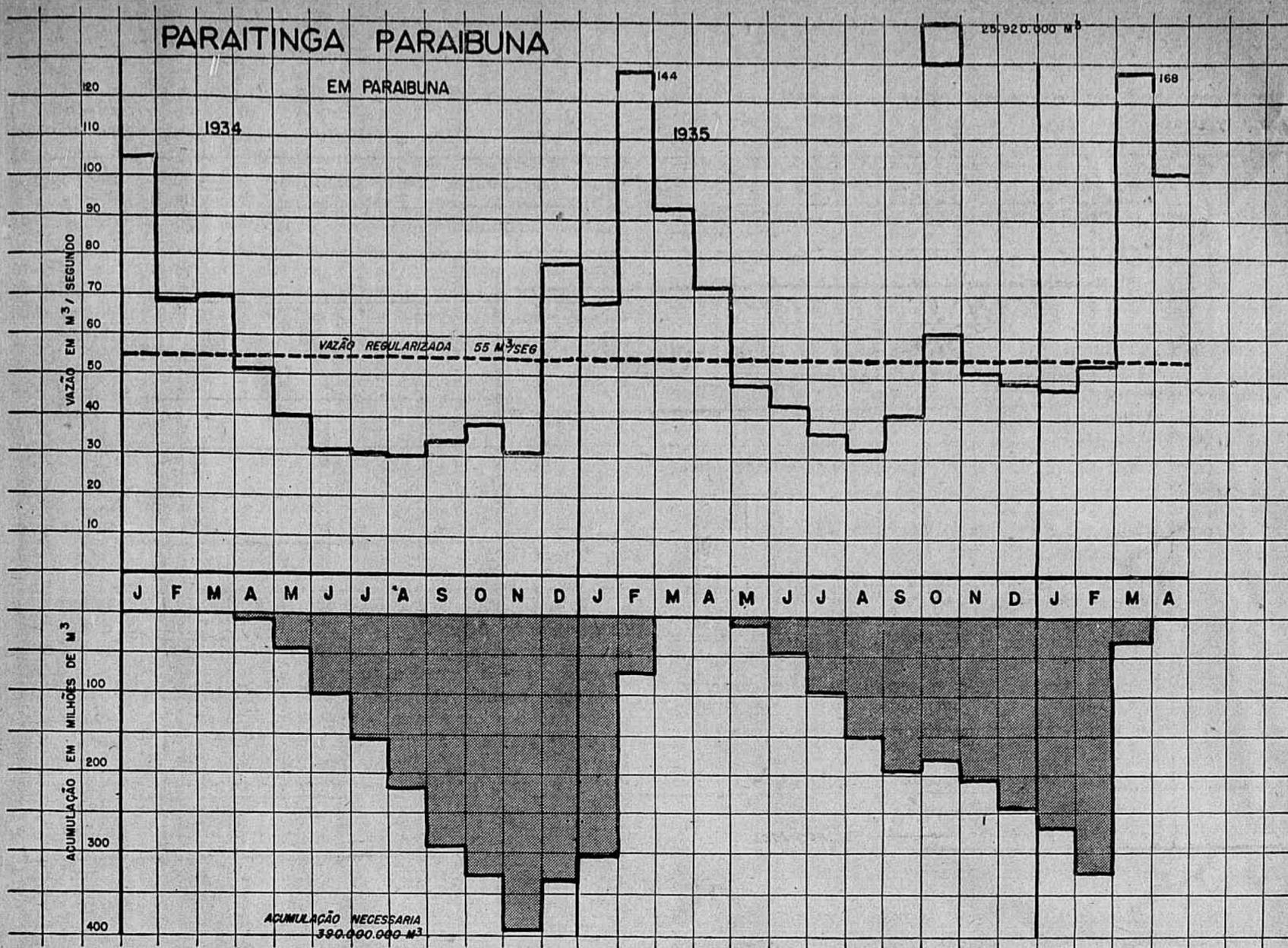
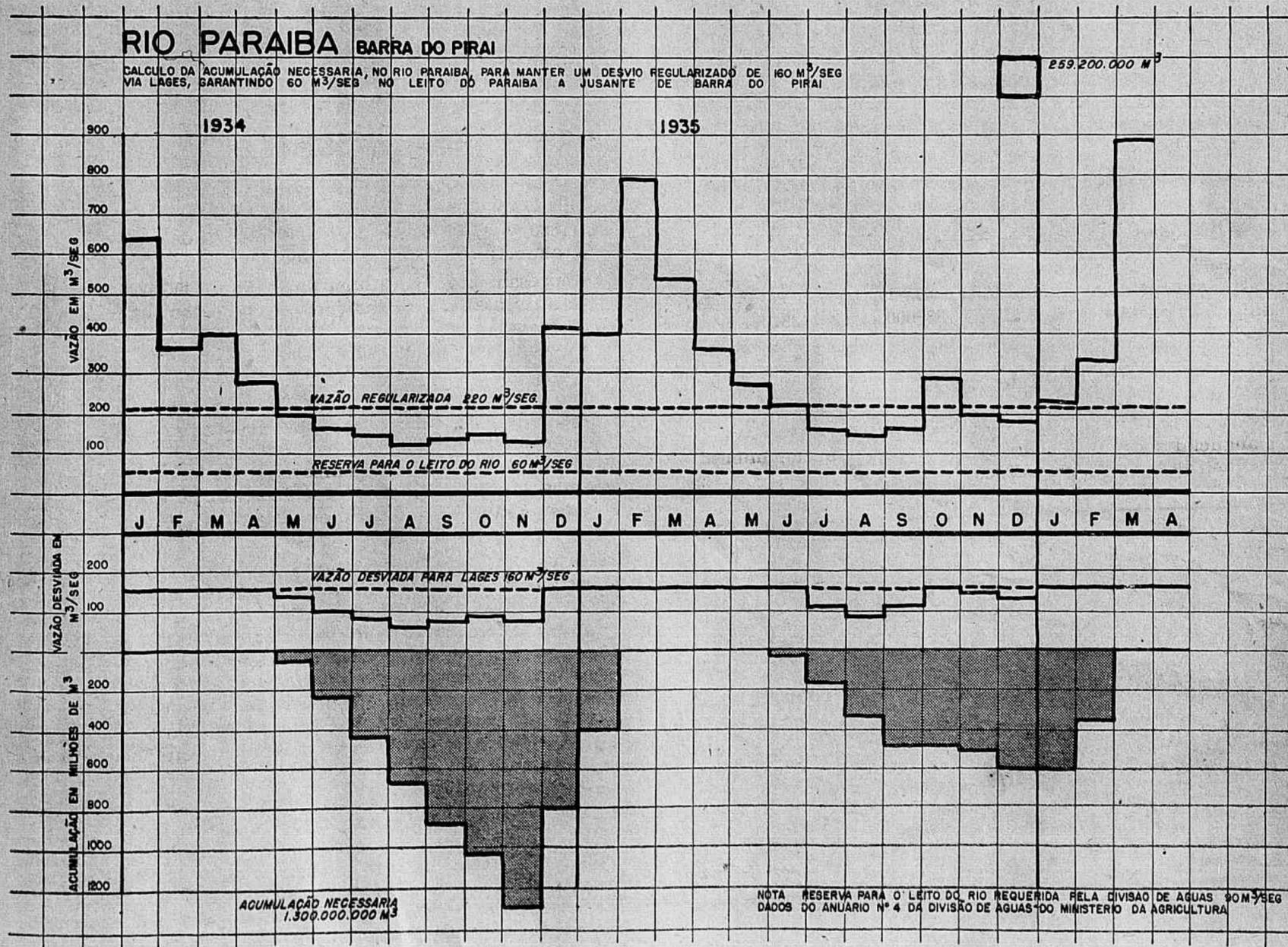


FIG. 5



NOTA RESERVA PARA O LEITO DO RIO REQUERIDA PELA DIVISÃO DE ÁGUAS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

FIG. 7

em Barra do Pirai). É muito mais inadmissível se torna para nós semelhante pretensão, quando sabemos que, baseada nesta alegação, pretende a Cia. nos privar de um manancial de 1.000.000 c. v. para suprir pequena parcela do potencial de sua usina de 670.000 c. v..

Encarando o problema sob outro aspecto, diremos que a Light pretende se apossar de águas represadas a 640 metros acima do nível do mar, e que podem ser lançadas neste desnível sem qualquer dificuldade, visando unicamente impedir tal empreendimento; pois, o seu pedido de concessão é no sentido de fazer com que estas mesmas águas percorram o leito do rio até Barra do Pirai. Neste local do rio Paraíba serão as águas bombeadas em duas estações elevatórias em série, que absorverão energia correspondente a 100 metros de desnível, para em seguida serem aproveitadas em desnível de apenas 308 m.

Trata-se, como se vê, de caracterizado crime contra nossa economia.

O Rio Paraíba e o Suprimento de Água à Capital — Tem a Repartição de Águas e Esgotos de São Paulo feito reviver frequentemente, através da palavra de seu Diretor, o Dr. Plínio Whitaker, a velha proposta da Light de lançamento das águas do rio Paraíba no Vale do Tietê. O argumento é de que, a água para suprir a população, a água para beber, pode ser elevada a 200 metros. Não se trata, neste caso, de equação econômica; trata-se de necessidade imprescindível. E, no estudo e questão, este manancial acha-se igualmente entre os outros, como possível supridor dos 400 lts. por dia e por habitante de S. Paulo.

Antes, porém, de tomarmos posição, vejamos alguns dados que nos são fornecidos por tratadistas como Lúcio José dos Santos, Henrique Novais, Saturnino de Britto e outros. Vejamos inicialmente o consumo «per capita». Dizem estes tratadistas que este número é extremamente variável e que vai desde mínimos, uns, positivamente inaceitáveis como o de Constantinopla com 15 lts./dia/pessoa, ou mesmo o de Anvers com 54, ou Berlim com 78, até máximos como o de Nova York com 500. No livro de Lúcio José dos Santos (pág. 23) vemos que em Londres, em 1898, com uma população de 5.000.000 de habitantes, o consumo por habitante/dia era de 159 lts. e a previsão para 1941, época em que a cidade atingiria a população de 16.000.000 de habitantes, era de 145 lts. Nos Estados Unidos as bases admitidas, variam, em geral, entre 150 e 250 lts. e excepcionalmente vão acima deste algarismo. Na Alemanha a base varia entre 150 e 170 lts. Henrique Novais previu para S. Paulo 260 lts./dia/habitante.

Na realidade, o consumo domiciliar não é muito variável de cidade para cidade. As necessidades das indústrias que se desenvolvem em determinadas cidades é que elevam de forma tão pronunciada este consumo «per capita». É dentro desta previsão de enorme desenvolvimento industrial, que o Sr. Diretor da R. A. E. prevê para São Paulo um consumo de 400 lts./pessoa e por dia, número este também referido na mensagem do Sr. Governador (Diário Oficial — 15-3-52).

Mas, cabe então uma pergunta: deveremos nós, orientarmos no sentido de forte desenvolvimento industrial em São Paulo, para satisfação do qual iremos até ao ponto de trazer as águas do Paraíba para o Vale do Tietê? ou devemos tudo fazer para que o potencial hidroelétrico do Paraíba seja desenvolvido ao máximo, deslocando para lá as indústrias de São Paulo? Quero ainda lembrar as referências que o Prof. Anhaia Mello tem feito ao declarar que a solução para os problemas de urbanismo de São Paulo serão encontrados no desenvolvimento do Vale do Paraíba.

Há ainda, porém, outro aspecto a ser discutido. Vamos admitir com o citado estudo, que a população de São Paulo

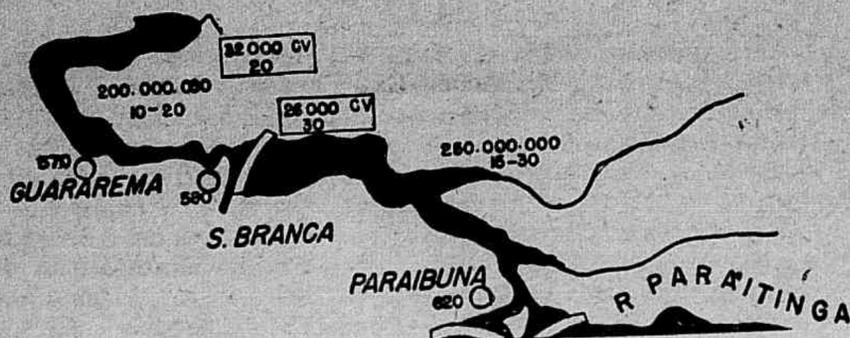


FIG. 6

atinga a 4.000.000 de habitantes em 1975 e que o consumo específico seja de 400 lts./dia/hab.. Neste caso o suprimento diário será de 1.600.000.000 lts., o que corresponde a cerca de 20 m³/seg. de vazão constante. No entanto, em brilhante estudo apresentado pelo engenheiro Plínio Whitaker no n.º de fevereiro da revista «Engenharia», verificamos à pág. 196, que só o Guarapiranga pode contribuir com 11 m³/seg. de vazão constante. E perguntamos então: e as cabeceiras do Tietê, acima de Mogí das Cruzes, não poderão contribuir com pelo menos mais 20 m³/seg.? Pois só o pequeno Rio Claro já não contribui com 3 m³/seg.? Mas, o próprio engenheiro Plínio Whitaker mostra-nos onde se acha a dificuldade ao declarar:

«Preferiu a empresa concessionária de energia elétrica (a Light) aproveitar as águas do rio Tietê em regime de vazão variável, de acordo com as descargas naturais do rio, em vez de o fazer em regime uniforme, por meio de represamento das águas a montante de S. Paulo. Esta solução foi por ela adotada, há mais de 20 anos, tendo em vista, tão somente, o seu próprio problema».

E cabe aqui o seguinte comentário: a Light solicitou a concessão do Alto Tietê em 1927, alegando as vantagens que dela decorreriam para o saneamento da capital. Mais tarde, ao que estou informado, teria ela feito pressão sobre a administração municipal, para que a Prefeitura concorresse com parte das despesas para o represamento do alto Tietê, dadas as vantagens daí decorrentes para o saneamento da Capital. Diante da recusa da Prefeitura, foi que a Cia. mudou a orientação de seus projetos, pedindo e obtendo em novembro de 1946 uma concessão para elevação das águas do baixo Tietê, para lançamento das mesmas em sua represa do rio Grande.

Bem sabemos que as propostas da Light são geralmente indefensáveis, mas, esta de elevar as águas do baixo Tietê, para lançá-las no Cubatão, é realmente a mais desarrazoada de todas.

Quanto ao argumento de que as águas das cabeceiras do Tietê foram reservadas exclusivamente para a produção de energia elétrica, é preciso lembrar que, através dos esgotos, tais águas são lançadas novamente no Tietê e recalçadas através do canal do rio Pinheiros, rumo Cubatão. O engenheiro Plínio de Queiroz, estudando este problema, avaliou as perdas em cerca de 25%. Quer isto dizer, que 75% destas águas seriam recuperadas para a produção da energia.

O Aspecto Político e Econômico — A solução do problema hidrológico do Vale do Paraíba é clara, indiscutível e evidente. Mas, ao estudarmos um plano para este Vale, vemos que, nenhum dos problemas aqui focalizados, poderá ser encarado em separado. A continuarmos dentro da orientação até agora seguida, estaremos caminhando para o caos econômico e para a miséria.

Frente, porém, à necessidade de um plano de desenvolvimento racional de nossa economia e bem-estar, deparamos sempre com o interesse contraditório da Light, grande empresa estrangeira que ocupa posto chave na economia nacional. E poderá haver conciliação entre os nossos interesses de progresso e os interesses de lucro da Cia.? E quais são os interesses de lucro da Light, empresa cujos capitais pertencem a uma grande potência industrial? São os de lucros diretos e indiretos. Diretos, através das mais altas tarifas possíveis; indiretos, através de um suprimento com oferta sempre inferior à procura; oferta de energia em bases que impeçam o desenvolvimento de indústrias fundamentais em nosso país — indústrias eletroquímicas que nos trarão independência econômica e militar.

Assim se explicam os erros indiscutíveis das usinas projetadas pela Light, erros estes que, conduzindo a tarifas elevadas em alta tensão, impedem o desenvolvimento destas indústrias fundamentais. Assim se explica a luta da Light no Vale do Paraíba. Ali existem facilidade de produção de energia elétrica e, também, os minérios e todas as demais condições para um desenvolvimento industrial impressionante, que transformará um povo pobre em povo de alto padrão de vida. Mas, para caminharmos no sentido de desenvolvimento de um plano lógico na solução do problema hidroelétrico do Vale do Paraíba com o desenvolvimento de indústrias e da agricultura de toda aquela região, indispensável se torna eliminar a contradição fundamental a este progresso — a concessão da Light. Impõe-se uma medida preliminar: — A NACIONALIZAÇÃO DESTA GRANDE EMPRESA.

O Direito Soviético - Um Direito Novo

Sobre a «Teoria da Prova» de Andrei Vishinski

RIO BRANCO PARANHOS

Em outubro de 1917, com a revolução socialista, abriu-se uma nova era na história da humanidade: — a era das revoluções proletárias. A revolução socialista de outubro de 1917, destruindo o capitalismo, arrebatando à burguesia os meios de produção e convertendo fábricas e empresas industriais, a terra e estradas de ferro e bancos em propriedade de todo o povo, em propriedade social, fez instaurar a ditadura do proletariado e entregou a direção de um imenso Estado, a sexta parte do mundo, ou, precisamente, 21 milhões de quilômetros quadrados, à classe operária, convertendo-a, com isso, em classe dominante.

O acontecimento, por seu alcance, repercussão e profundidade, jamais teve similitude na história dos povos.

E desde então, consolidou-se a revolução, a despeito da intervenção estrangeira. A economia nacional foi restaurada. O país foi industrializado. A agricultura foi coletivizada. Chegou-se, enfim, ao coroamento da edificação da sociedade socialista. E, então, superadas como foram as condições que impuseram a aprovação da Constituição de 24, devido às imensas mudanças operadas na vida do país, em fevereiro de 1935, o VII Congresso dos Soviets da URSS tomou a resolução de mudar a Constituição, cujo projeto foi aprovado e sancionado pelo VIII Congresso, por unanimidade de votos, em 5 de dezembro de 1936.

A nova constituição é algo de desconhecido na vida política dos povos. Espelha o triunfo do socialismo e da democracia operária e camponesa. É um documento político, que merece ser lido e meditado por todos, porque nele, pela primeira vez, vamos encontrar, como princípios constitucionais, verdadeiras máximas cristãs, como as constantes do art. 12, nos seguintes termos: “O trabalho na URSS é, para todo cidadão fisicamente capaz, um dever e uma honra, de acordo com o princípio: “aquele que não trabalha, não come”. Na URSS se realiza o princípio do socialismo: “de cada um, segundo sua capacidade; a cada um, segundo o trabalho”.

Deste modo, a nova Constituição veio consagrar o seguinte fato de alcance histórico e universal: a URSS entrou em nova etapa de desenvolvimento, na etapa do coroamento da edificação do socialismo e de transição gradual para a sociedade comunista, na qual o princípio a se subordinar será: “de cada um, segundo sua capacidade; a cada um, segundo suas necessidades”.

A constituição soviética é a mais democrática do mundo, pois, segundo ela, todo o poder político da União pertence aos trabalhadores dos campos e das cidades, representados pelos soviets, para os quais podem se eleger, por sufrágio universal, todos os cidadãos da URSS, que hajam alcançado a idade de 18 anos, independentemente da raça ou nacionalidade a que pertençam, de sua religião, grau de instrução, residência ou origem social, situação econômica ou de suas atividades no passado.

El todo deputado tem a obrigação de prestar conta aos eleitores de seu trabalho e do trabalho do Soviet e seu mandato poderá ser revogado a qualquer momento, por decisão da maioria de seus eleitores, de acordo com o processo estabelecido pela lei.

Emfim, um mundo completamente novo emergiu e se edificou em vasta região, e, com ele, infelizmente, o nosso governo não manteve a menor relação diplomática, senão a partir de 1946, quando as relações foram reatadas, devido a circunstâncias creadas pela última guerra, que colocou nosso país no Conselho de Segurança da ONU, onde, a União Soviética, por seu papel destacado na guerra, conquistou com glória o direito de ser um dos membros permanentes.

Mas, logo depois, por motivos irrisórios e premeditados, aquelas relações foram cessadas por nosso governo, como há pouco ficou esclarecido no Senado, em debates havidos, com a leitura das notas e telegramas trocados na ocasião.

E assim, fazendo jogo de interesses exclusivos dos americanos, nosso governo rompeu relações com o mundo socialista, que abrange hoje, praticamente, a quasi metade do mundo e na qual figuram países com a expressão industrial de uma Tchecoslovaquia, cujas relações cada dia são ameaçadas pelo berreiro suspeito e fanático dos hamiltons noqueiras; e com a expressão demográfica de uma China, de quasi 500 milhões de habitantes e a cujo governo legítimo negamos reconhecimento.

Portanto, pretende nosso governo desconhecer a existência de tão vasta região, de suma importância para nossa economia, como se evidenciou na recente conferência econômica de Moscou.

E por razões ditadas exclusivamente por preconceitos e por interesses estranhos, nosso país, que só vantagens teria que auferir das relações amistosas com todos os povos, está insulado, praticamente, da metade do mundo, precisamente daquela parte, onde o progresso a cultura, as ciências, as artes, a literatura, o direito, etc. fazem conquistas a passos gigantescos e que, para nós, bem poderia servir de modelo, na luta pela emancipação nacional.

Do que se faz e realiza na parte nova da humanidade, lamentavelmente, só vimos a ter conhecimento quasi que clandestinamente, não porque os povos e governo daquela parte se negam a ter contacto conosco, mas, porque forças reacionárias, internas e externas, nos impedem que o façamos, interessadas em conservar-nos na ignorância, para que aqueles novos ideais não venham a comprometer a situação de atraso e retrocesso da estrutura política, social e econômica de nossa Pátria, alicerçada na mais desapiadada exploração do homem pelo homem, por força de uma economia ainda latifundiária.

As únicas notícias diretas que nos chegam às mãos, são as distribuídas por agências tendenciosas, interessadas em denegrir a verdade e a realidade, porque estão a serviço da classe dominante. Mas, de quando em vez, rompendo essa cortina de mentiras e dólares, até nós chegam verdadeiras mensagens, que precisam ser conhecidas por todos quantos tenham um desejo honesto de aprender e estudar. É uma dessas mensagens é a obra monumental de direito de Andrei Vishinski, sobre “A teoria da prova no Direito Soviético”.

Dessa obra, que mereceu o prêmio Stalin e que foi incorporada às atividades publicitárias da Editorial Novo Direito, de Buenos Aires, só uns poucos exemplares foram distribuídos entre nós, por isso, vale a pena ser ressaltada.

A personalidade de Andrei Yanuarevich Vishinski, atual Ministro das Relações Exteriores da URSS, é mais conhecida entre nós por sua atuação no campo da diplomacia, do que no campo das disciplinas jurídicas. Entretanto, o autor Andrei Vishinski é advogado graduado em 1913, pela Universidade de Kiev. Durante os anos de 1921-1922 foi professor da Universidade de Moscou e decano da Faculdade de Ciências Econômicas do Instituto de Economia do Povo “Plekanov”. Ensinou direito penal na Universidade estadual de Moscou e foi reitor da mesma no período de 1925 a 1928. Em 1935, doutorou-se em ciências políticas e sociais.

Por seus profundos conhecimentos filosóficos, jurídicos e sociais, foi designado vice-presidente do Conselho Científico de Estado. Posteriormente, assumiu a direção do Instituto de Direito da Academia de Ciências da URSS, e, ao mesmo tempo, foi diretor da revista "Estado Soviético e Direito". Desde o ano de 1930 é membro ativo da Academia de Ciências da URSS.

Integrou a comissão constituída para a elaboração da constituição de 1936 e atualmente é membro da comissão jurídica do conselho de ministros da URSS.

Foi magistrado, procurador geral da RFSSR, vice-procurador da URSS, e, em 1935, passou a ser Procurador Geral da URSS.

Teve atuação destacada como promotor nos grandes processos de 1933-1938. Como representante de sua Pátria, atuou como juiz no Tribunal Internacional de Nuremberg.

Suas principais obras jurídicas são: Teoria da prova no direito soviético, Sistema judicial da URSS, Curso do processo Penal e Problemas da Teoria Do Direito e Do Estado.

Sua obra: — Teoria da Prova no Direito Soviético se compõe de cinco capítulos, assim intitulados: 1.º — Introdução; 2.º — Teoria da Prova Formal; 3.º — O direito probatório inglês; 4.º — Teoria da livre qualificação da prova; e, 5.º — O direito probatório soviético.

No primeiro capítulo, igual como nos três seguintes, o autor põe em destaque que a origem das diferentes teorias no direito probatório tem dependido das mudanças operadas nas relações sociais.

Destaca a imensa importância de qualquer sentença ou julgado e de que maneira estes, em alguns países, podem dar origem e reformar instituições de Direito Público e Privado, equiparando-se a atividade judicial à legislativa. Sobre este particular, entra em considerações a respeito da função do tribunal soviético, que não faz direito. Os juizes soviéticos não são legisladores. Como todos os juizes não são chamados a fazer direito mas, a administrar justiça, em consonância com as prescrições da lei, isto é, de acordo com o direito vigente.

... Os juizes soviéticos estão submetidos à lei e, na mesma medida, a função judicial, de vez que esta não pôde ser fonte de lei, nem tão pouco uma esfera da atividade estatal independente das leis. E' por isso, que a Constituição staliniana diz, clara e terminantemente, que os juizes só se subordinam à lei. Significando isso que os juizes não devem guiar-se por seu próprio arbítrio, mas, pelos ditames da lei. Aplicam a lei a fenômenos e fatos concretos!

O erro de se considerar a função judicial como fonte de lei, ou, em outras palavras, como uma forma da atividade legislativa, decorre, também, da análise da própria essência da lei, como norma geral de conduta. A lei expressa os preceitos que a classe dominante considera necessário impôr a toda sociedade, como norma geral de conduta, em benefício de seus próprios interesses. A lei expressa o que a classe dominante considera justo, vantajoso e desejável para si e para toda a sociedade, em nome da qual, atendida sua situação dominante dentro dela, atua e tem a possibilidade de atuar.

Para o marxismo-leninismo, a lei é a vontade geral da classe dominante na sociedade, expressa no direito.

Assim a lei formula seus imperativos de acordo com os interesses das classes e com a concepção do direito que reflete esses interesses. E a prática judicial deve corresponder por completo a esses imperativos e, por conseguinte, não pôde ser fonte de direito.

Nos julgados judiciais se exprime a atitude do poder estatal ante os fenômenos sociais que são da competência do tribunal. Em virtude de todas estas circunstâncias a sentença ou julgado pronunciado pelo tribunal deve atender a requisitos especiais. O primeiro deles é a correção e o caráter convincente da sentença ou julgado. Qualquer resolução do tribunal deve ser convincente, deve infundir na opinião pública a certeza de sua correção e equidade absolutas.

A razão de ser da justiça burguesa — que utiliza em larga escala o processo e a judicatura para a proteção do regime social existente e para a defesa dos interesses privados dos cidadãos, como indivíduos, e suas

associações, que se apoiam nele — não se reduz a garantir o cumprimento desse papel "protetor", com ajuda de medidas coercitivas por parte do Estado; também pretende convencer da justiça e razão destas medidas, fazendo vêr que são benéficas para a sociedade em seu conjunto. O tribunal não deve limitar-se a castigar, a reprimir a "vontade delituosa"; também deve convencer da justiça de suas decisões. Daí a fórmula do Direito Romano rezar: "res judicata pro veritate habetur". Pela boca do tribunal fala a verdade.

Por isso, James Stephen destaca de maneira acertada e exata a importância político-social dos tribunais no sistema de governo burguês. Essa importância do tribunal explica porque os governos burgueses cuidam tanto do prestígio de seus tribunais, tratando de crear em torno da atuação deles uma auréola da imparcialidade, de infalibilidade, de quasi santidade. Por todos os meios intentam encobrir o verdadeiro papel de seus tribunais como órgãos de opressão, como uma arma refinada para a defesa da bolsa do dinheiro (Lenin). A burguesia concede ao aparato e à atuação de sua justiça uma autoridade especial; e isso concede mediante um rito processual particular, solene, severo, semelhante ao religioso.

O Estado Soviético, por sua vez, não se acha menos interessado em manter e reforçar a autoridade de seus órgãos judiciais, ainda que isso obedeça a motivos completamente distintos aos dos Estados burgueses. Ao tribunal soviético não se confia somente a missão de reprimir aos exploradores e a seus agentes, que, como dizia Lenin, intentam "restaurar seu domínio, ou defender seus privilégios, ou, de uma maneira dissimulada, fazer passar, obter com artifício alguma migalha desse privilégios"; também tem "a missão" (Lenin sublinhava que esta era uma "tarefa imensa") de educar o povo na disciplina do trabalho.

O prestígio do tribunal soviético está assentado na força da verdade socialista, à qual serve.

Os objetivos, pois, que tem em mira o Direito soviético são diferentes, por princípio, aos que busca o direito burguês.

O Direito socialista soviético propõe: vencer a resistência que os inimigos de classe e seus agentes oferecem à causa do socialismo garantir o coroamento da edificação socialista; consolidar as relações sociais novas, socialistas e toda a ordem jurídica do regime social soviético, que se apóia nos pilares da nova sociedade como a propriedade social socialista, a aliança inquebrantável dos operários, camponeses e intelectuais, a amizade e fraternidade dos povos soviéticos, a ditadura do proletariado e a democracia socialista. O Direito soviético, e, particularmente o Direito processual e o penal — que se guiam para a salvaguarda e proteção do regime soviético — tem por finalidade a proteção dos interesses dos cidadãos da URSS; sua vida, pessoa, liberdade e bens, seus direitos e deveres. O Direito processual soviético busca precisamente a consecução destes objetivos, determinando as condições e a ordem da atividade dos órgãos judiciais, de instrução e do ministério público da URSS em geral e no que se refere a ditar julgados e sentenças judiciais, assim como aos métodos e formas para sua comprovação e reforma, em particular.

O tribunal soviético é obra do Estado Soviético, é carne e sangue da carne e do sangue da sociedade nova, socialista. Serve aos interesses dos trabalhadores, do povo, é um tribunal popular no sentido direto e verdadeiro desta palavra.

O consequente caráter democrático socialista do processo judicial soviético se vê condicionado pela própria organização do tribunal soviético, popular no verdadeiro sentido da palavra e cuja própria composição faz dele um autêntico tribunal do povo. Ademais, se vê condicionado, por seus métodos de trabalho, isentos de formalismo burocrático, de que, ordinariamente, está saturada a atuação dos tribunais burgueses, verdadeira teia de aranha de escolástica e armadilhas legais. O espírito democrático do processo judicial soviético se vê condicionado, por fim, pelas tarefas do tribunal: não tem este um méro caráter repressivo; também é um fator de educação e reeducação dos elementos atrasados da sociedade.

A justiça soviética constitui uma força cultural gigantesca na luta contra as sobrevivências e "tradições do capitalismo", ainda existentes na consciência dos homens e que dificultam a edificação socialista; é uma força organizadora das massas, que educa sua vontade, contribuindo para o fortalecimento das novas tradições, da psicologia nova, socialista.

O tribunal soviético — absolutamente independente, objetivo e imparcial com relação aos fatos, aos fenômenos e aos acontecimentos, submetido exclusivamente à lei — desempenha também o papel de propagandista do novo Direito, da concepção jurídica nova, socialista, contribuindo para a garantia dos novos costumes na sociedade, da nova atitude para com o Estado, para com o trabalho, para com as obrigações e os deveres. O tribunal soviético, portanto, é um organizador da opinião pública, escola da nova moralidade social. Os tribunais soviéticos participam ativamente da vida estatal.

"Os membros do tribunal devem saber bem o que é o capitalismo de Estado". Essa indicação leninista contém também outra tese de princípio: os juizes devem estar à altura dos problemas políticos de sua época, devem ser bons políticos. Sem isto, os tribunais correm o perigo converterem em fósseis jurídicos.

O melhor recurso educativo do tribunal é a cultura, mas, não uma cultura consistente no verniz exterior ou na solenidade fria e burocrática, que repugna aos homens de entendimento e provoca um sentimento de profunda insatisfação para com a comédia judicial e para com as comédiantes judiciais, mas, a verdadeira cultura do humanismo socialista, sábio na busca da verdade, implacável e severo na análise, que submete cada ação dos juizes ao alto imperativo da objetividade e à firmeza de princípios.

E para tais missões, é mister, importante e necessário que o tribunal, o processo e o método de seu trabalho, estejam à altura delas.

A atuação do tribunal se corôa com a sentença ou julgado.

Por isso, o juiz deve instruir o processo de forma que a sentença ou julgado de um assunto concreto pareça a todos um resumo natural e exatamente argumentado da instrução prévia e judicial, que corôa a atividade dos tribunais como consequência natural e lógica.

A solução dessa tarefa depende por completo de como estão capacitados os juizes, do nível de sua consciência socialista, de seu domínio das ciências jurídicas e, por último, de sua arte para dominar a técnica e a lógica da prova, a ciência da prova judicial, parte importantíssima de toda a ciência do processo.

Segundo admitem todos, a ciência da prova, ou teoria do Direito probatório, é o capítulo mais interessante, a parte básica de todo o Direito processual.

Numerosos processualistas concedem a esta parte tanta importância que, para eles, todo o processo se reduz à arte de utilizar as provas.

E a lei soviética obriga, sobre este aspecto, aos juizes a não se limitarem às declarações e aos documentos apresentados pelas partes, mas, a contribuir para o esclarecimento das circunstâncias essenciais para a solução do assunto. A aplicação desta norma constitui uma indubitável garantia contra essa solução dos assuntos, da qual Lenin dizia: "é algo correto formalmente, mas, no fundo representa uma burla".

Por essa razão, o Direito processual soviético repele a qualificação das provas baseada em qualquer motivo formal.

As leis processuais soviéticas reconhecem a competência na qualificação das provas, tanto no criminal, como no civil, exclusivamente ao tribunal, e estabelecem como base única para isso a convicção íntima do juiz, que se apoia no exame de todas as circunstâncias da causa, em seu conjunto. Assim, segundo o direito soviético, qualquer circunstância pode servir de prova em um assunto determinado, independentemente de seu conteúdo ou valor. Só o juramento não se admite, como qualidade de prova.

Na URSS, o tribunal é popular no verdadeiro sentido da palavra. As leis são leis criadas pelo povo, que governa seu país sob a direção da classe operária, com o Partido Comunista à frente.

As leis da URSS são leis socialistas; expressam os interesses dos operários, dos camponeses e dos intelectuais, que compõem o autêntico povo soviético.

Destarte, toda a atividade judicial na URSS se estrutura à base das leis socialistas, expressão dos grandes princípios do socialismo. E ao tribunal soviético se confiou a importante missão de administrar a justiça socialista, em consonância com os princípios do socialismo e de acordo com as leis do Estado socialista.

Ora, uma consciência do direito assim devéras popular, bem como uma convicção íntima do juiz efetivamente livre só são possíveis em um país autenticamente popular e livre, onde a própria justiça se administra de forma livre e independente, no interesse do povo e para o próprio povo.

E no direito soviético, desde os primeiros dias de seu nascimento, coerentemente, domina, de maneira plena e absoluta, o princípio da convicção íntima do juiz, que se apóia na consciência do direito revolucionário e socialista. Desde as primeiras leis da República Soviética, consagradas à organização do tribunal e ao processo, se trata precisamente dos assuntos judiciais à base da convicção, isto é, à base do princípio da convicção íntima do juiz. E a convicção íntima dos juizes está sempre orgânicamente ligada à sua concepção filosófica, a sua consciência do direito, que é a dominante na sociedade e constitui uma parte da consciência filosófica geral, cuja base primária é o materialismo histórico e dialético.

O método dialético marxista-leninista serve de base à consciência socialista do direito, como sistema geral de concepções jurídicas, filosóficas e políticas, e à convicção íntima, como modo de resolver os problemas parciais e concretos de ordem judicial.

A dialética marxista-leninista ajuda a descobrir a conexão íntima e condicionalidade mútua dos fenômenos da vida social, das ações e condutas dos homens, ensina a compreender as manifestações das leis, que regem a sociedade. A luta de classes, nascida no terreno das contradições entre a classe dos exploradores e a classe dos explorados, não se elimina nem se aplaca com a vitória da revolução socialista e a organização da sociedade socialista; até certo momento ela se reaviva, inclusive com mais força ainda, engendrando novas máquinas delituosas por parte dos restos das classes exploradoras derrotadas.

A missão da justiça, pois, se reduz à capacidade do juiz para compreender, em cada caso concreto, isolado, a relação de um determinado delito com as causas que o engendraram.

Curiosíssimos, portanto, além de úteis, são os estudos que o autor faz do método dialético marxista no direito probatório soviético; as análises que faz das provas no Direito Soviético, do "onus probandi" e da classe de provas. Realmente profícuo é o exame que faz, por fim, da teoria dos indícios, também, chamados — provas indiretas.

A obra é verdadeiramente extensa, densa e de grande interesse. Elaborada por mãos de um verdadeiro mestre de direito, presta a todos nós, juristas ou não, real contribuição para a compreensão de como o direito é estudado e aplicado nesse mundo novo e triunfante, que é a URSS.

Mas, a obra monumental que salientamos em longos trechos, não se esgota aí. Nela ainda encontramos uma análise curiosa das escolas antropológica de Lombroso, positivista de Ferri e sociológica de Litz. Encontramos mais a análise e o estudo histórico da Teoria da Prova Formal. Encontramos ainda um capítulo dedicado ao Direito Probatório Inglês, com suas peculiaridades. Por fim, encontramos um outro capítulo dedicado à teoria da livre qualificação da prova, com o exame das causas históricas do nascimento dessa teoria, baseada na convicção íntima dos juizes.

E todos esses assuntos, porque examinados e estudados com acuidade e à luz do marxismo-leninismo, porquanto, sob perspectivas inteiramente novas para nós, deviam aqui ser ressaltados, para conhecimento de todos, juizes, advogados e até mesmo leigos. Mas, semelhante trabalho, entendemos que deve ficar para outra oportunidade.



CORÉIA

WALTER M. SAMPAIO

Nas colinas o vento arrasta, ainda,
fogo abrasador e ódio.
Que vozes são estas
pesos de escombros,
inesgotáveis esperanças?

Não cantarei o rio de ódio que passa,
ginete a ucinado de madrugadas
pardas e desangradas.

Dos teus sofrimentos falarei
retratos partidos, farrapos de farda,
laços de fitas desbotadas,
folha solta do jornal libertador.
Das flores que não podem renascer
nos campos devastados
de casas incendiadas e filhos trucidados.

Aves loiras de rapina, em ganas de larvas e escorpiões
os teus ricos vales intesiam, provindas de Wall Street
civil de insaciáveis e venenosos répteis.

Tódavia, tua farda é de aço
e de espinhos se cobriram eriçados os teus campos.
De aço são teus músculos e ossos intrituráveis.
De aço é o espinho de tua fé e certa a alça de tua mira.

Quem há de vencer a indomável liberdade!
e penetrar vivo os interstícios infinitos
de tua Pátria!
Quem há de quebrar a metálica palavra
e dos teus bronzes o irascível som!

O tempo não tem horas,
não há noite nem dia,
enquanto, coreano, teu fuzil vigia.
Corceis de liberdade, ligeiros, eriçadas crinas,
cavalgam desde longínqua prehistória
tua fecunda sementeira,

Convocados estão até os mais remotos
ídolos de barro e ferro, tua ancianidade
em ondas de mar encapelado.
— Que insensata arrogância de verme
há de vencer tua sedimentada história!

Oh! meu indomável irmão coreano,
bate, bate na féral afoga o réptil nos teus
calcínados e milenários rios.
Fere, fere a fera ferruginosa,
submerge-a ao péso de teus ferros e estalates.

Enquanto a fera sangrada
sob tuas alpercatas de luz, espuma,
aqui tecemos — dela a mortalha
e com o incandescente fio de teu sangue
a internacional bandeira da Paz!
E na flâmula alvar bordaremos o teu nome
com algas, lírios, rosas e madresilvas
transsubstanciados em luz de escarlate fulgor.



«O riso e as lágrimas contra o ódio»

ENTREVISTA DE ROBERT SHAW

Na confortável biblioteca de uma grande casa em Hollywood, caminha um pequeno homem cujo vulto meio inclinado é familiar ao mundo inteiro. Seus cabelos são brancos. Seu rosto franco, porém, manteve-se muito jovem. Seus olhos azuis, claros e luminosos, sorriem.

Este pequeno homem tem qualquer coisa de humilde, de tímido e de infinitamente atraente.

É o homem a quem chamaram de personagem universal do nosso tempo.

É o rei da comédia e da tragédia. O senhor do riso e das lágrimas.

É Charles Chaplin... três semanas antes dos seus 63 anos.

“LIMELIGHT” SERÁ COMPLETAMENTE DIFERENTE DE “MONSIEUR VERDOUX”

O seu novo filme... Falando nele os seus olhos brilharam de excitação.

Se eu penso que é um bom filme? diz ele. Creio que é um dos melhores que já fiz, e até agora fiz 77. “Limelight” será completamente diferente de “Monsieur Verdoux” que data de cinco anos atrás.

Acredito que este novo filme seja engraçado. Acredito também que seja triste. É comovente, enfim. É a história dos meios de teatro de Londres como eu os conheci, por volta de 1912, antes

da primeira guerra mundial. Eu mesmo escrevi o argumento como sempre faço. Duas semanas depois da minha chegada a Hollywood, em 1914, comecei a escrever os meus próprios argumentos e a dirigir os meus próprios filmes. Espero ter podido reconstituir em “Limelight” o essencial da vida de teatro. É uma história simples mas real, que pode ter uma profunda repercussão.

O herói da história é Calvero, um comediante inglês que teve o seu momento de glória mas que, velho demais na época do aparecimento do cinema, deixou-se vencer pelo alcoolismo. O papel é desempenhado por Chaplin. A heroína, Tereza, vivida por uma jovem artista britânica, Claire Bloom, cai doente e fica desprotegida. Calvero salva-a depois de uma tentativa de suicídio. Seus cuidados afetuosos ajudam-na a restabelecer-se. Profundamente reconhecida, ela se dedica à reabilitação de Calvero que é na verdade um grande comediante.

E consegue realizar o seu intento. Uma noite de gala, no teatro, Calvero se revela outra vez um prodigioso artista, capaz de fazer rir até às lágrimas toda a platéia com as suas imitações de um

vagabundo filósofo, de um violinista excêntrico e de um grotesco domador de feras. Nestas cenas, Carlitos reaparece, também ele, o cômico querido por milhões de homens, de mulheres e de crianças.

O filme devia ser rodado em 36 dias, em princípio. Mas durou 50, o que é, de qualquer modo, um record de brevidade para um filme de longa metragem de Chaplin. Foi realizado nos estúdios de “La Brea” (no centro de Hollywood) que o grande artista possui desde 1918.

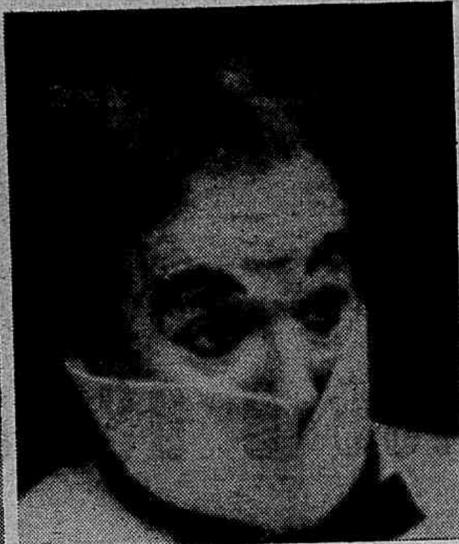
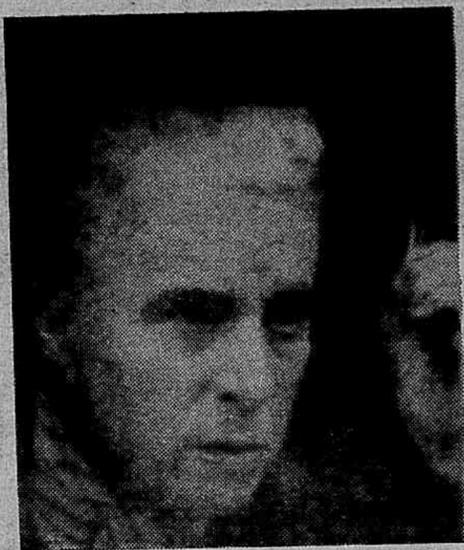
“OS FILMES NÃO PODEM SER FABRICADOS EM SÉRIE”

Suponho que os meus métodos de trabalho são bastante originais, prossegue Chaplin, e talvez mesmo alguns os considerem bizarros. Mas, se se quer que os filmes tenham originalidade e humanidade, não se pode fazê-los todos sobre o mesmo modelo.

A mecanização forçada da produção de filmes está matando Hollywood. Hollywood luta a sua última batalha, e a perderá, se não se decide imediatamente a abandonar esta standartização, se não



Chaplin e algumas das suas caracterizações em Limelight. Na página seguinte uma cena de Tempos Modernos.



compreende que os filmes que os espectadores querem continuar a ver não podem ser produzidos em série como tratores numa usina. Creio que é tempo de tomar-se uma nova orientação a fim de que o dinheiro não seja mais o deus todo-poderoso de uma sociedade decadente.

Para realizar este novo filme, dei o máximo de minhas forças. A verdade é que, de tal modo eu me empenho no trabalho, que não posso impedir-me de tentar fazer tudo por mim mesmo, de estar em toda parte do estúdio, de interpretar cada papel, de supervisionar cada detalhe...

Meu modo de agir nem sempre é o usual. Às vezes insisto em rodar uma cena 50 vezes, se é preciso, antes de dar-me por satisfeito. Mas, para mim, em todo caso, estes métodos são a garantia do trabalho bem feito. E é bom estar-se contente, com o que se faz. O essencial, a meu ver, não é que os filmes sejam sucessos financeiros; espero apenas que sejam sucessos populares. Creio que serão numerosos os que gostarão desta história simples em que se misturam a comédia e a tragédia. E, sendo assim, considerar-me-ei suficientemente recompensado.

Creio no poder do riso e das lágrimas como antídoto contra o ódio e o terror. Os bons filmes constituem uma linguagem internacional; eles respondem à necessidade que têm os homens de bom humor, de piedade, de compreensão. Representam um poderoso instrumento para dissipar a vaga de suspeição e de medo que invade o mundo de hoje. Temos tido filmes demais gratuitamente embebidos de violência, de mórbida sexualidade, de guerra, de assassinios e de intolerância. Isto torna ainda mais insustentável a tensão internacional.

Se, ao menos, pudéssemos trocar entre as nações, e constantemente, filmes que não falassem como propaganda agressiva, mas na linguagem simples dos homens simples, isto, apenas, poderia salvar o mundo do desastre.

"NENHUMA PRESSÃO FARÁ MUDAR AS MINHAS OPINIÕES PESSOAIS"

Chaplin fala com ardor crescente, ilustrando as suas idéias com mil gestos sugestivos que lembram o cômico genial que tantas vezes vimos na tela.

Meus planos para o futuro? Irei à Europa na primavera ou no princípio do verão: França e Inglaterra. E, em seguida, voltarei ao trabalho. Eu sou um realizador de filmes. Continuarei a realizá-los enquanto isto me for possível.

Hoje, na América, acalmou-se enfim a campanha de calúnias contra Chaplin desencadeada por uma parcela da imprensa na ocasião dos seus dois processos de divórcio e, sobretudo, depois do seu apelo de 1942 por uma segunda frente contra Hitler. Os deputados já não pedem ao Congresso a sua expulsão imediata. E, certamente, Chaplin pretende continuar a viver na Califórnia apesar dos rumores que, já há alguns anos, anunciam a sua partida para a Europa ou para a América do Sul.

Ao lado de minha mulher e dos meus filhos, posso ser feliz não importa onde, diz ele. Junto deles a vida me pareceria

bela num barracão, desde que eu tivesse apenas um cantinho isolado em que pudesse trabalhar.

Eu insisto sobre a integridade inabalável das minhas opiniões pessoais: não me submeterei à pressão alguma para alterá-las. Durante mais de 30 anos, vivi virtualmente dentro de um aquário de peixinhos vermelhos, constantemente dependente, submetido à publicidade e à toda sorte de pressões. Quaisquer que

sejam as minhas opiniões, com toda a honestidade, eu as mantere e continuarei a mantê-las enquanto não encontre razão válida para mudá-las.

E como alguém lhe perguntasse quais eram as suas opiniões atuais, Chaplin sorrindo, com aquele pequeno trejeito malicioso que o mundo inteiro gravou no coração, respondeu:

— Eu sou um fator de paz!





Jorge Amado em São Paulo

Jorge Amado, o consagrado romancista patricio, permaneceu vários anos no estrangeiro e aí, como nenhum outro, hourou a literatura nacional, com a versão de seus romances em 24 idiomas e a divulgação de coisas, nomes e historias do Brasil entre os povos dos numerosos países que visitou.

O regresso de Jorge Amado à sua pátria proporcionou-lhe a oportunidade de sentir o apreço, a admiração e o respeito que lhe voltam os brasileiros, principalmente a sua classe, a dos escritores, que vêem no autor de "Terras do Sem Fim", uma das figuras marcantes do romance em língua portuguesa.

Em S. Paulo, que Jorge Amado visitou durante alguns dias, inúmeras foram as homenagens que mereceu, como sejam recepções na Cruzada da Paz e na residencia do casal José de Barros Martins, coquetel de que participou no palacete de Pola e Nelson Ottoni de Rezende e reunião promovida pela Associação Brasileira de Escritores, secção de S. Paulo, quando o romancista de "Jubiabá" referiu o grande amor que devota a São Paulo, em cujo cenário se passará o seu próximo romance "Os subterrâneos da liberdade", primeiro de um ciclo de três, sob a denominação geral de "O Muro de Pedra".

A série de homenagens dos paulistas a Jorge Amado culminou com o banquete promovido por deputados, intelectuais, professores, amigos e admiradores, no Club Homs, com a participação de centenas de pessoas. O orador dos manifestantes foi o escritor José Geraldo Vieira, que exaltou as grandes qualidades do homenageado, como romancista e lutador das boas causas. O discurso de agradecimento de Jorge Amado, rico de seiva

humana, causou a melhor impressão entre os que o ouviram. Dele transcrevemos nesta página trechos expressivos.

★

Mergulho os olhos nessas paisagens brasileiras de São Paulo, fito a face dos amigos. Durante alguns anos meus olhos, com uma curiosidade feita de desejo, de compreensão e de fraternal estima, viram outras paisagens pela Europa e pela Asia, ouvi a voz de outros amigos em linguas diferentes da minha. Fui bem feliz nessa viagem e creio devê-lo a não ter ido em busca turistica de pitoresco, de exotismos para emoções gastas, e, sim, ter chegado junto a esses povos e às suas

culturas no afã de compreendê-las e amá-las. Volto à pátria certo de que a cultura é valioso elemento de aproximação dos povos, é das mais eficientes armas da paz. Um cidadão tohecoslovaco que toma da tradução de um livro de Castro Alves é um amigo novo do Brasil conquistado pela poesia. Um francês, que atravessa a prosa brasileira de Euclides da Cunha, é alguém para quem deixamos de ser desconhecidos. Nossa cultura nacional, que vem sendo creada pelos escritores ligados ao progresso e ao povo, desde os tempos da colonia, de Gregorio de Matos até os nossos dias, do Aleijadinho até Portinari e Segall, nossa cultura nacional é o que de melhor temos a oferecer a todos os homens



JORGE AMADO E PABLO NERUDA (QUE TAMBÉM ESTEVE HÁ DIAS NO BRASIL) DURANTE SUA PERMANÊNCIA EM PARIS.

para criar entre os povos e as nações a firme amizade que garanta a paz.

★

Essa defesa necessária da cultura brasileira exige, na minha opinião, uma unidade dos homens da cultura em torno daquelas coisas que são comuns a todos nós e essenciais ao nosso povo a paz, as liberdades democráticas, o livre direito da criação. Vários detalhes separam em diversos grupos nossos intelectuais. Mas que importância podem ter tais detalhes ante as grandes razões que clamam pela nossa unidade? Paulo Mendes de Almeida, que é poeta escreveu há dois dias sobre este problema umas palavras que desejo fazer minhas: "Houve erros no passado, choques e desentendimentos, mas não devemos ser tão susceptíveis que nos sintamos agravados para todo o sempre. Em verdade, são mais efetivos e maiores os motivos que nos unem do que as dúvidas que nos separam".

★

Alguns homens que amam o dinheiro sobre todas as coisas tentam arrastar o mundo a uma nova guerra, mais terrível e bestial que as anteriores. Para consegui-lo buscam degradar e limitar as culturas nacionais dos diversos países. Não creio que ne-

nhum escritor ou artista possa estar com a guerra contra a paz. Mais que todos os demais homens nós necessitamos da paz para poder criar. Somos homens para quem a vida tem uma significação profunda e tudo que amamos — desde a beleza das flores até as antigas igrejas e os mais belos museus — está sob a ameaça da destruição total numa guerra atômica e bacteriológica. Tive a alegria de encontrar na Europa e na Ásia as figuras mais importantes da cultura vindas dos mais diversos horizontes políticos e estéticos empenhados, junto aos seus povos, na defesa da paz.

Sim, porque pude bem constatar que os povos não desejam a guerra e se elevam cada vez mais poderosa e conscientemente contra ela. Os mesmos mal-intencionados que adjetivam geograficamente a cultura, adjetivam também a paz tentando fazer crer ao ingenuo que existem uma paz americana e uma paz russa, uma francesa e uma chinesa. Paz só existe uma e é essa que os povos desejam. Paz significa não existir a guerra, paz se escreve sem adjetivos.

Esse imenso desejo de paz eu o constatei desde as ruas ilustres de Paris até as ruas não menos ilustres de Peking. Eu o vi levantar-se em Roma e em Moscou, em Stocolmo e em Varsóvia, na tranquila Zurich de lagos e turistas e na distante capital da República Popular da Mongólia, em Ulan-Bator de montanhas e pastores, eu o



JOÃO ACCIOLI, PRESIDENTE DA ABDE.

vi na face dos homens sofridos nas ruínas de Berlim oriental e nas ruínas de Berlim ocidental. Se posso transmitir-vos uma palavra que resuma a mais ardente ambição dos povos com que convivi nesses anos de ausência, essa palavra é paz, paz para todos os povos, paz para que os homens possam elevar-se, paz para que a cultura floresça e seja um bem de todos.

★

Em nossas mãos, amigos, está não só o futuro das crianças de todo o mundo. Em nossas mãos estão também as suas vidas pequenas. Em tempo algum foi tão grande a responsabilidade dos homens da cultura. Unidos, poderemos ser dignos dessa responsabilidade.

MIGUEL COSTA FILHO, JOÃO FREIRE E ABGNER BASTOS NO CLUB HOMS.



A SEGUNDA EXPOSIÇÃO DA ODA

Realizou-se durante o mês de junho a segunda exposição da ODA, Oficina de Arte que reúne alguns dos melhores pintores de São Paulo. A mostra foi limitada a painéis sobre motivos juninos e visava ilustrar a utilidade da pintura para o enriquecimento das construções modernas. Infelizmente a tese justíssima dos pin-

tores da ODA foi prejudicada pelos próprios expositores que, talvez por pretenderem acentuar o caráter "decorativo" dos seus trabalhos, apresentaram painéis em geral muito pobres de imaginação e arte, desperdiçando o valor poético e humano do tema escolhido em composições frias e sem vida. A exceção, talvez, do trabalho de Manoel Martins e um ou outro mais.

A Exposição da «Semana de 22»



Graças ao esforço de alguns dos seus colaboradores, conseguiu o Museu de Arte Moderna realizar uma expressiva mostra relativa à «Semana de 22» que, no entanto, sofreu críticas severas da parte da imprensa. Acreditamos, porém, que estes ataques não se justificam. Das peças expostas, vinte e tantas estiveram no saguão do Municipal no ano do Centenário e nos dão uma idéia bastante aproximada do que foi a verdadeira exposição da «Semana de 22». Enquanto que as demais, acrescentadas «em suplemento», só fazem ilustrar ainda melhor a atividade plástica dos primeiros anos do modernismo. Assim, se o conjunto exibido nas salas do Museu de Arte Moderna deixou uma penosa impressão nos que lá estiveram, isto não se deve à falta de critério dos organizadores da mostra, mas ao próprio nível, incrivelmente baixo, dos participantes da exposição de 22. A exceção, é certo, de Anita Malfatti, que, naquela época, se situava num

plano muito superior ao dos seus companheiros. A verdade é que, uma retrospectiva referente aos primeiros anos do modernismo, não podia ter outro objetivo senão revelar uma curiosidade «histórica» e mostrar que, se o modernismo se firmou entre nós, isto não se deve ao possível talento dos inovadores de 22, impondo uma nova doutrina que mal conheciam, mas à prolongada e insopitável insatisfação dos jovens, cansados do academismo rançoso em que vegetava a nossa arte, com raríssimas exceções. Esta conclusão, entretanto, que nada tem de novidade, se explica a principal razão da vitória do modernismo entre nós, de nenhum modo pode servir para justificar a posição dos que, hoje, apontam aos moços, como exemplo e ideal a ser atingido, a desorientação reinante entre os primeiros modernistas, mais ou menos inevitável na época, e que os conduziu aos piores erros. Como disse o próprio Mario de Andrade, os participantes «da pe-

riodo milhormente chamado modernista» não devem servir de exemplo a ninguém. E a lição que deve ficar da sua atividade para os que agora se iniciam, é a do repúdio ao academismo conformista e oficioso tanto dos Osvaldo Teixeira quanto de alguns dos «modernos», hoje apegados a cargos e posições, e inteiramente esquecidos do «ardor revolucionário» dos primeiros tempos.

Infelizmente, a exposição do Museu de Arte Moderna inaugurou-se com um ruidoso incidente que é impossível deixar sem comentário. A atitude dos diretores do M. A. M., desconsiderando um artista como Lazar Segall no momento mesmo em que pretendiam homenagear os introdutores do modernismo em São Paulo, mostra, bem a mentalidade estreita destes senhores que se supõem os patronos da arte paulista e que regulam os seus atos pelo critério das conveniências de uma reduzida panelinha. Lazar Segall, é o autor de uma obra generosa, que há de ficar como o testemunho de um dos grandes dramas humanos do nosso tempo, o das perseguições anti-semitas. E é lamentável que diversos artistas e certos críticos tenham esquecido o dever elementar de solidariedade ao grande pintor, atingido pela desconsideração dos donos do M. A. M., os mesmos que, repetidas vezes, têm mostrado o seu desprezo pela dignidade dos nossos artistas.

«SEARA»

Recebemos o segundo número da revista «Seara» que se edita em Goiás. De apresentação razoável, este número traz matéria variada sobre literatura, arte, economia e política, destacando-se «A música moderna», artigo de Adib Abrahão em que o autor, recentemente falecido, critica a música esotérica e mostra as perspectivas que se abriram para os artistas soviéticos com o advento do socialismo. «Seara» publica, ainda, colaborações diversas de escritores goianos sobre assuntos da terra como «Três contos goianos e o realismo socialista», «Do teatro goiano» e o conto de Leo Godoy Otero vencedor

do concurso organizado por Para Todos, intitulado «O açude da Boa Vista». Além de um estudo sobre o livro de Ostrovski «Assim se forjou o aço» escrito por Alberto Almeida e do poema de Neruda «A mi partido».

EXPOSIÇÃO DE CHARRIS BRANDT SPERLING

Com grande sucesso, realizou a escultora Charris Brandt Sperling em seu atelier, à rua 24 de maio, uma exposição dos seus trabalhos, que se prolongou de 10 de junho a 10 de julho último. Dotada de uma fina sensibilidade e de apreciável firmeza técnica, a artista mereceu da crítica o aplauso unânime e caloroso, plenamente confirmado, aliás, pelas impressões do numeroso público que ocorreu à mostra dos seus trabalhos. Charris Brandt, consciente da força da sua arte, trabalha em silêncio, longe das luzes da publicidade, construindo uma obra que deixa para trás muito do que fazem alguns dos nossos escultores de renome.



MÚSICA

A Sociedade de Cultura Artística promoveu um belo concerto a cargo de Lídia e Altéia Alimonda que apresentaram três sonatas para violino e piano: uma de Beethoven, outra de Camargo Guarnieri e a última de Cesar Franck. O concerto foi um dos melhores desta temporada. As duas artistas brasileiras fizeram-se notar principalmente pela profunda compreensão formal das obras apresentadas. A Sonata de Camargo Guarnieri é uma das suas mais perfeitas composições. Nela se evidencia o profundo conhecimento da música brasileira e o caráter absolutamente nacional da obra deste autor, o maior contrapontista já surgido no panorama da nossa música.

CLUBE DA GRAVURA



Reuniram-se, já em sua sede definitiva, um imenso salão à rua Barão de Itapetininga 275, 13º andar, os artistas componentes do Clube de Gravura de São Paulo, para aprovarem os Estatutos da agremiação e assentarem os planos das primeiras atividades. Além do início de um curso de

gravura a cargo de Manoel Martins e Renina, foi programada uma exposição de trabalhos originais de Kate Kollwitz e a realização de mostras volantes de artistas do Clube em cidades do interior. Clovis Graciano foi eleito primeiro presidente da nova entidade.

reune um excelente grupo de colaboradores, entre os quais Fritz Teixeira Sales, João Viana de Oliveira, Benito Barreto, e Geraldo Fonseca.

«SEIVA»

«Seiva», revista dos intelectuais baianos, ao lado de «Cadernos da Bahia» que aparece com menor regularidade, já conquistou o seu lugar entre as publicações culturais do país. O seu quinto número que vimos de receber inclui um artigo de Walter da Silveira, que parece dedicar-se cada vez mais a assuntos de cinema, colaborações de Quintino de Carvalho, de Palma Netto, de Gastão Otávio Pedreira, denunciando as atividades antinacionais dos institutos Brasil-Estados Unidos, de Luís Henrique Dias Tavares, de Romeu Negromonte (sobre Frei Caneca), de José Gorender e Wilson Rocha, além de uma reportagem do pintor Pancetti sobre o retorno ao Brasil de Jorge Amado.

LIVROS PUBLICADOS

Do jornalista Gonçalves Machado, a editora Brasileira vem de publicar «Paisagens Humanas», coletânea de crônicas que representa a súpula de longos anos de militância diária na imprensa paulista e na qual o autor fixa, em estilo leve e agradável, a lembrança de homens e coisas que marcaram a vida do nosso Estado nos últimos decênios. Outro lançamento digno de especial registro foi o dos ensaios de estética e literatura de Carlos Burlamaqui Kopke, enfiados sob o título de «História e Solidão do Homem», em que o autor aborda, de maneira percuciente e brilhante, alguns dos mais importantes problemas da poesia e da literatura atuais, revendo e discutindo as obras de alguns dos nossos homens de letras.

Claudio Santoro terminou há pouco a partitura do seu «Zé Brasil», sobre o texto já célebre de Monteiro Lobato que inspirou também mestre Portinari. O trabalho do jovem e consagrado Santoro entusiasmou quantos tiveram oportunidade de vê-lo.

★

Regressou ao Brasil a pianista Ana Stella Chik que vem de longa e vitoriosa viagem através da Europa.

★

Eunice Catunda, que acaba de concluir um Concerto para piano, orquestra e coros, baseado num texto de Gorki e intitulado «Canto de Esperança», foi especialmente convidada para participar de um seminário que o maestro Hermann Scherchen promoverá em Veneza com os seus melhores alunos, reunindo compositores de diversas tendências, a fim de discutir problemas de estética musical.

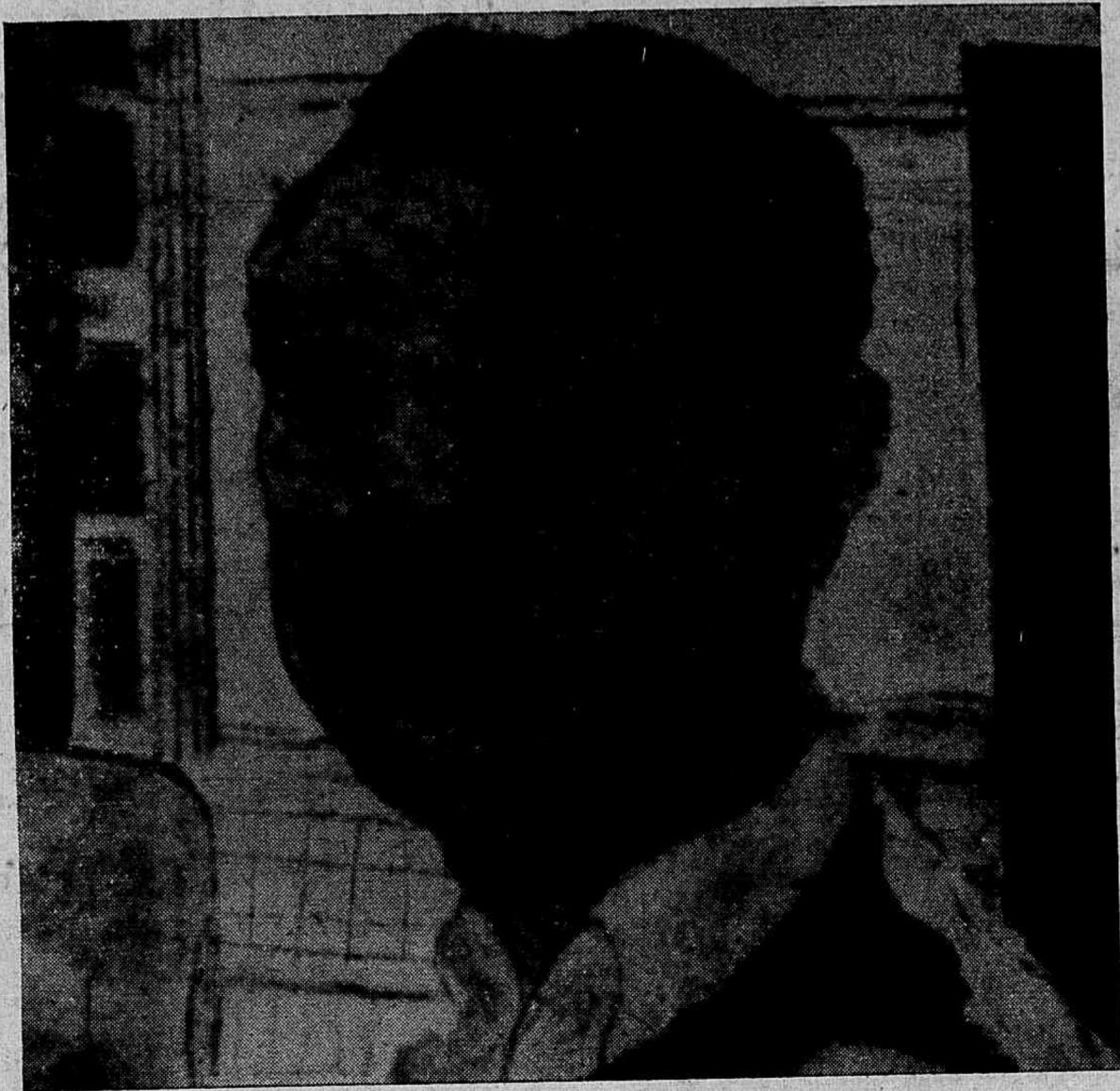
★

As inscrições para o Concurso internacional de violino **Henrik Wieniawski**, a realizar-se em Varsóvia de 5 a 15 de dezembro do corrente ano, estarão abertas até o dia 30 de setembro próximo. Poderão participar do Concurso artistas de ambos os sexos que não tenham ultrapassado a idade de 32 anos até 4 de dezembro de 1952. Maiores informações com o Bureau de Informações Polonesas, à rua gal. Alcio Souto 61, no Rio de Janeiro.

«HORIZONTE»

Temos em mãos os três primeiros números de «Horizonte», agradável e variado jornal de cultura moderna que se edita na capital mineira, onde já se fazia sentir a falta de uma publicação deste tipo.

Sob a direção de Otávio Dias Leite, «Horizonte»



A «CHEGADA DE D. JOÃO VI AO BRASIL»

Candido Portinari vem de concluir o seu monumental trabalho sobre a chegada de D. João VI à Bahia. Trata-se de uma composição em grandes linhas, realmente muito bela, que supera mesmo o seu magnífico «Tiradentes» e lembra, irresistivelmente, pela cor e algumas das soluções empregadas, as maiores criações dos grandes mestres venezianos.

Portinari, com efeito, cada vez menos encontra termo de comparação entre os pintores contemporâneos, quasi todos em busca de uma originalidade duvidosa, atraídos pela pesquisa de soluções «novas», desligadas da tradição pictórica. Ao contrário da maioria dos seus colegas, o mestre de Brodovski jamais temeu a exploração deliberada e consciente das sendas que haviam sido abertas por outros antes dele. Daí procede, sem dúvida, a fabulosa segurança com que

encontrou o seu caminho definitivo e a facilidade impiedosa com que deixa de lado, uma depois da outra, todas as fórmulas da arte decadente.

O segredo do seu progresso constante, entretanto, reside, antes de tudo, na escolha de temas (históricos ou não) sempre dignos da grandeza da sua arte. Senhor de um completo domínio dos meios técnicos, Portinari não se contenta com o que poderíamos chamar de estudos, obras em que exercita a sua habilidade e o seu surpreendente poder de observação. Seu talento, sua legítima ambição de artista, levam-no constantemente a buscar temas mais complexos, de maior significação humana e social, que o obrigam a desenvolver a imaginação criadora dentro de uma liberdade consciente, deliberadamente limitada pela grandiosidade da idéia que procura exprimir.

Neste sentido, apenas, podemos compreender todo o valor desta última fase

da sua pintura. O novo estilo criado por Portinari e que se revela nas cabeças de cangaceiros que expôs recentemente e, ainda melhor, nas figuras de D. João VI e da rainha louca, no painel destinado ao Banco da Bahia, constitui, sem dúvida, uma contribuição de grande importância para o desenvolvimento da verdadeira arte do nosso tempo, a arte do novo realismo, no terreno da pintura. O pintor de «Tiradentes», com efeito, soube encontrar para as obras referidas, uma forma de realização plástica que reúne a uma grande beleza e poder de comunicação, uma intensa força expressiva que se fundamenta num critério inteligentemente realista.

Quanto ao painel propriamente dito, se alguma restrição ele merecesse, esta seria referente ao empobrecimento ocasionado pelo tratamento das figuras secundárias (soldados, etc.) excessivamente simplificadas e esquematizadas, reduzidas a uma função me-

ramente «decorativa», no sentido estreito que hoje se empresta ao termo. Por outro lado, para encher o enorme retângulo de 5,80 por 13 metros, o pintor parece ter quebrado levemente as linhas da perspectiva, de forma a elevar as imagens dos últimos planos e a aproximá-las do espectador. Este recurso, magistralmente aplicado, simplifica a composição e produz um indefinível efeito perturbador que torna ainda mais vibrante o mágico encantamento do painel.

* * *

Durante este mês de agosto, o trabalho de Portinari estará exposto ao público carioca nos salões do Automóvel Clube do Rio de Janeiro, local onde, há tempos, foi apresentado o seu famoso «Tiradentes». Estamos informados de que um grupo de intelectuais paulistas está se movimentando para que «A chegada de D. João VI» seja exibida também em São Paulo, antes de seguir definitivamente para a Bahia.

*** INDICADOR PROFISSIONAL ***

ADVOGADOS

AVLAD MARTINS FERRAZ

★

RUA ANCHIETA, 34 — SOBRELOJA
TEL. 33.79.29

RAUL DUARTE DE AZEVEDO

CICERO SILVEIRA VIANA

★

RUA XAVIER DE TOLEDO, 99
3º ANDAR — FONE 36.12.36

CELIO MANSO VIEIRA

ALBERTO MAURO CONTADOR

★

RUA DA LIBERDADE, 21
3º ANDAR — SALA 306

MAURICIO DE OLIVEIRA

★

RUA SEN. PAULO 34
3º ANDAR — FONE 32.63.33

HOLANDO NOIR TAVELA

★

RUA SEN. FEIJÓ, 69
5º ANDAR — SALA 51

LAZARO MARIA DA SILVA

NINO D. SILVA

★

RUA QUIRINO DE ANDRADE 219
2º ANDAR — SALA 24 — TEL. 32-3357

RIO BRANCO PARANHOS
AGENOR BARRETO PARENTES

★

PRAÇA DA SÉ, 371
SALA 1.014 — FONE 32.37.68

RAIMUNDO PASCOAL BARBOSA

★

AV. 9 DE JULHO 402
5º ANDAR — FONE 34-9367

MÉDICOS

DR. ANTONIO BRANCO LEFEVRE
MOLÉSTIAS NERVOSAS

★

RUA MARCONI 94 — 9º ANDAR
TEL. 38.60.73

DR. JOÃO BELINE BURZA
CLINICA DO SISTEMA NERVOSO

★

RUA CONS. CRISPINIANO, 344
5º ANDAR — TEL. 34.69.35

DR. CELSO PEREIRA DA SILVA
RADIOLOGISTA

★

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 50
1º ANDAR — SALA 113 — TEL.

DR. JAYME ABOVSKY
Membro correspondente da Sociedade Brasileira de
Saúde Pública.

CLINICA DE CRIANÇAS

★

RUA CONS. CRISPINIANO, 53
11º ANDAR — COJUNTO 112 — TEL. 36-0577

A través de Fundamentos a los
intelectuales de S. Paulo ^{por} Giulio Cesare.

Privado de estrecharos
la mano en la frater-
nidad de nuestra
tierra americana, salu-
do a los escritores
y artistas de São Paulo
y les aseguro que nada
impedirá que se comu-
nicen por toda la
tierra nuestros ideales
de paz y progreso, porque
ellos encarnan la mar-
cha del hombre hacia
el porvenir.

No importa que
no haya descendido del
barco, estoy con vosotros,
seguiremos juntos.

Santos 8 Agosto 52

MENSAGEM DE PABLO NERUDA

Impedido de desembarcar em Santos por uma absurda
visado no barco em que viajava, o "GIULIO CESARE", o
de FUNDAMENTOS João Bellini Burza e Eduardo
Nessa ocasião, o autor de "Canto General", fez-lhe
seguinte:

e arbitrária medida da polícia política, Pablo Neruda foi
mesmo que nos trouxe Jorge Amado, pelos representantes
Sucupira Filho, que com ele mantiveram demorada pales-
a mensagem que acima estampamos e cujo texto é o se-
guinte:

A través de FUNDAMENTOS a los intelectuales de São Paulo.

Privado de estrecharos la mano en la fraternidad de nuestra tierra americana,
saludo a los escritores y artistas de São Paulo y les aseguro que nada impedirá que
se comuniquen por la tierra nuestros ideales de paz y progreso, porque ellos en-
carnan la marcha del hombre hacia el porvenir.

No importa que no haya descendido del barco, estoy con vosotros, seguiremos
juntos.

Santos, 8 de agosto 52

NERUDA

O poeta ofereceu ainda a FUNDAMENTOS os direitos autorais do seu último trabalho "Allí murió la muerte", dedicado à Polónia e escrito no mês de junho último.

Allí murió